



M E N T A D R A E S





M ^E **E** ^N **A** ^T **D** ^R **A** ^E **S**

29 de outubro de 2022
a 26 de março de 2023

Sesc Bauru



| Capa: Bordado sobre linho misto, linha de algodão e miçangas, Bel Rubio, grupo Bordado e Prosa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Danilo Santos de Miranda	
O FAZER COMO AGENTE DE MUDANÇAS	8
Adélia Borges	
PARTICIPANTES	
ABAYOMI ONÃ	16
ARTE E VIDA	20
ARTE EM AMARRIO	22
ARTE ROSES	26
BANARTE	28
BORDADEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO	30
BORDADO E PROSA	32
BOTUÁFRICA	36
CLEIDE TOLEDO	38
COLETIVO YBYATÃ	40
COOPERATIVA LILI	44
CRISÁLIDA	48
ELIANA BOJIKIAN POLITO	50
LUCINDA BENTO	52
MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA	56
NHANDUTI DE ATIBAIA	58
ODETE CORADINI	62
OFICINA DOS ANJOS	64
PIRADAS NO PONTO	66
POVO INDÍGENA GUARANI MBYA	70
PROJETO BORDAR SÃO PAULO	74
PROJETO TEAR	78
QUILOMBO SAPATU	80
RENDEIRAS DA ALDEIA	82
SÃO BENTO POR VÁRIOS FIOS	84
PINTAR E BORDAR	86
PROCESSOS E CONTEXTOS	88
TRAMA ESPACIAL	92
Adriana Yazbek	
EM MEIO ÀS MEADAS	94
Tissa Kimoto	
LISTA DE PARTICIPANTES	100
FICHA TÉCNICA	102



FIOS QUE PERMEIAM HISTÓRIAS

As narrativas construídas sobre a chamada cultura popular são, muitas vezes, assimiladas em campos de oposição em relação a uma pretensa cultura erudita. A partir dos trabalhos de pessoas atuantes na área, e para além das possíveis generalizações e romantizações, hoje as discussões acerca desses campos e das produções deles advindas vem ganhando destaque e reverberam na sociedade.

Pelas cabeças e mãos das mulheres e homens que no Brasil nasceram ou que aqui chegaram, o fazer popular rememora a agência das comunidades indígenas originárias da nossa terra, potencializada pelo agir de africanos e africanas que ao longo da diáspora foram forçosamente transplantados para outros continentes. Os registros históricos da presença e resistência desses povos permanecem no fazer intelectual e manual da cultura do nosso país.

Como o mitológico fio de Ariadne pelo labirinto da história, no solo fértil da criatividade humana, as linhas e as tramas são símbolos que costumam e afirmam sociabilidades, reforçando os sentimentos de pertença e de identidade cultural, possibilitando a transmissão de técnicas em momentos de partilha de valores e afetos.

Nessa perspectiva, a exposição EntreMeadas apresenta as obras de mulheres artesãs do estado de São Paulo, mestras cujos trabalhos são veículos de outras narrativas e de reinvenções histórica e criativa. Produções artesanais cujos modos de fazer de suas artífices e comunidades em que se realizam são patrimônios imateriais, remetendo a ancestralidade e a permanência das tradições somadas às transformações próprias do tempo e das gerações.

Reconhecendo a pluralidade de discursos e práticas culturais presentes em território nacional, o Sesc cumpre seu compromisso educativo ao difundir tais patrimônios. Desta forma, a instituição instiga, por meio da arte, reflexões que possibilitam estabelecer conexões e sentidos, estimulando diferentes olhares para as manifestações expressivas populares.

Detalhe de esteira trançada
com palhas de milho.
Associação Arte e Vida.

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

O FAZER COMO AGENTE DE MUDANÇAS

Entre (Preposição) Em meio a; no interior de; junto de; em relação recíproca.

Meada (Substantivo feminino) Porção de fios de lã, algodão, seda etc., dobrados em muitas voltas.

Entremeada (Adjetivo) Que possui alguma coisa de permeio; colocado no meio de; que possui coisas em seu interior; misturada.

A exposição **EntreMeadas** apresenta trabalhos de mulheres paulistas que usam linhas, fios e fibras como meios de autoexpressão, de interpretação criativa de sua própria identidade e de manifestação de cidadania. O olhar curatorial privilegiou o trabalho de associações, cooperativas e comunidades para as quais o artesanato é também uma fonte importante de geração de renda.

A mostra nasceu como uma encomenda da equipe do Sesc Vila Mariana. Com o nome de “Mestras populares: Mãos femininas que tecem histórias”, o objetivo era apresentar os trabalhos de mestras artesãs de todo o país, dentro do universo têxtil e da cestaria. Nossas pesquisas começaram na tentativa de identificação de quem são as mestras populares brasileiras, reconhecidas como tal. Há uma carência enorme de dados sobre essa prática tão dispersa em pequenos grupos pelo Brasil afora, quase sempre desprovidos de meios para divulgar suas atividades.

E como se dá o reconhecimento da maestria? Vários países instituíram mecanismos de Estado para valorizar os saberes e fazeres de seus artesãos. O Japão foi o pioneiro ao aprovar, em 1950, uma lei para a proteção das propriedades culturais, de promoção da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Muitos artesãos passaram a ser reconhecidos juridicamente como “Tesouros Humanos Vivos”, recebendo subvenções do Estado e uma série de incentivos para que pudessem difundir suas práticas e ter uma vida digna.

Identificamos no artesanato paulista uma insuspeitada riqueza de expressões plurais, com muita qualidade e em plena ebulição criativa. Ele se encontra vivo, diverso e renovado.

Outras nações se sucederam no estabelecimento de legislações. Na década de 1990, a Unesco elaborou um modelo de “Tesouros Humanos Vivos”, oferecendo subsídios para que os países-membros implementassem programas de valorização de mestres de diferentes ofícios. “Leis de Patrimônio Vivo” e “Leis de Mestres” foram algumas das denominações adotadas por várias nações.

Não nos move uma nostalgia regressiva, que vê no conhecimento popular algo parado no tempo, algo que se quer manter como está para que permaneça supostamente autêntico.

O Brasil instituiu, em 2000, a figura do registro de Patrimônio Imaterial, que engloba “conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”. O primeiro bem registrado foi o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras – artesanato feminino que é um dos maiores símbolos da identidade cultural do Espírito Santo. Até 2018, foram registrados 47 bens imateriais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O único ligado ao saber têxtil – tema desta exposição – é o Modo de Fazer

Renda Irlandesa, praticado por cerca de uma centena de artesãos em Divina Pastora, interior de Sergipe, registrado em 2009 no *Livro de registro dos saberes*.

Nos âmbitos estaduais, alguns poucos estados – até onde conseguimos apurar, apenas Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte – desenvolveram políticas de reconhecimento e valorização dos mestres. A palavra, aliás, é sempre usada no masculino. Mestra soa até estranho aos ouvidos, mesmo que, estima-se, 85% dos artesãos brasileiros sejam mulheres.

Em nossas investigações, mapeamos dezenas de mestras populares brasileiras com trabalhos admiráveis, que, embora sem os avais oficiais, mereceriam integrar a exposição, muitas das quais já bem conhecidas pelo público. Qual critério adotar para escolher algumas em detrimento de outras?

Simultaneamente, à medida que as pesquisas foram se aprofundando, identificamos aqui ao redor, em nosso próprio estado, expressões plurais, com muita qualidade e em plena ebulição criativa. Essas descobertas foram uma surpresa para nós mesmas, pois quando se fala de artesanato, a associação imediata das pessoas é com o Nordeste ou com estados como Minas Gerais. Uma das razões para isso é, sem dúvida, o fato de as iniciativas locais de fomento serem bem mais tímidas aqui do que as similares promovidas por lá. Também se supõe que no berço industrial e tecnológico do país inexistiriam formas mais “arcaicas”, digamos assim, de produção. Da constatação dessa insuspeitada riqueza surgiu a ideia do recorte geográfico que, ao contrário de limitar a mostra, a nosso ver, amplia sua potência.

Há vários exemplos de artesanato tradicional no estado de São Paulo. É o caso da cestaria Guarani Mbya, considerada sagrada na cultura desse povo. Parte constituinte de sua sabedoria e espiritualidade, ela apresenta inúmeros grafismos e modos de trançar, mantidos intactos ao longo do tempo. É também o caso das rendas, que chegaram ao Brasil via imigrantes portugueses e europeus. Foi nesse segmento de trabalhos de grande delicadeza que identificamos duas mestras certificadas pelo

Prêmio Culturas Populares do Ministério da Cultura: Wilma da Silva, do Rendeiras da Oca, que recebeu o prêmio em 2013; e Elizabeth Horta Correa, do Nhanduti de Atibaia, em 2017. Cabe lembrar que a elaboração de um dossiê detalhado sobre o histórico da atividade do candidato ou candidata é o primeiro passo nos processos para se obter o reconhecimento da maestria, e quase nunca os próprios artesãos têm condições de elaborar, eles próprios, seus dossiês.

Na visão hierarquizada de uma certa tendência que permeia a cultura ocidental, o artesanato é visto de forma depreciativa, como o último degrau numa escala de valor.

Certamente, os estados que têm mais mestres e mestras homenageados são aqueles em que há políticas públicas mais consistentes voltadas à promoção do artesanato. Se considerarmos apenas os méritos próprios dos artesãos/artesãs, não haveria como justificar a ausência de reconhecimento a nomes como o da tecelã Lucinda Bento, que já ensinou os mistérios da fiação, do tingimento e da tecelagem para mais de uma centena de pessoas em Américo Brasiliense. E mesmo grupos que se formaram há uma ou duas décadas apenas, como o das Bordadeiras do Jardim Conceição, hoje têm na atividade docente uma parte importante de sua atuação.

Por outro lado, temos em São Paulo muitas iniciativas que se destacam pela inovação e pela experimentação. A dinâmica da cultura é marcada por uma eterna transformação. Lembro isso porque não nos move uma nostalgia regressiva, que vê no conhecimento popular algo parado no tempo, algo que se quer manter como está para que permaneça supostamente autêntico. Um exemplo de inovação é o uso de lixo na elaboração de objetos. Redes de pesca descartadas são usadas como recurso pelas Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia, de Cananeia, enquanto sacos plásticos de supermercados são tecidos pelo Projeto Tear, de Guarulhos.

ESCOLHAS CURATORIAIS

No difícil processo de seleção daquilo que integraria a exposição, nosso olhar privilegiou as iniciativas em que se pôde perceber como o artesanato é capaz de ser um agente de mudanças. Mas que mudanças? Na verdade, de toda sorte.

Do ponto de vista da economia, podemos compreender o poder do empreendedorismo de base comunitária dentro do guarda-chuva da economia criativa. Graças às produções artesanais, mulheres conquistam sua autonomia econômica – ou pelo menos a melhoria de suas condições financeiras – sem que precisem deixar a casa e os filhos sendo cuidados por outras mulheres enquanto trabalham como empregadas servindo a outras famílias, depois de enfrentar um longo tempo nos trajetos de transporte público entre casa e serviço.

Do ponto de vista social, podemos observar vários benefícios que a prática do trabalho manual traz ao coletivo. Nos últimos anos, muitas agremiações conseguiram criar sedes nas quais as associadas podem trabalhar juntas e, assim, conversar sobre suas vidas e trocar ideias. Várias alternam o trabalho nesses lugares com suas próprias casas, onde podem conciliar as tarefas domésticas (como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos) com a elaboração de peças.

Nesses processos, as mulheres se emancipam, adquirem mais confiança em si mesmas. Desenvolvem um espírito de trocas entre si, um espírito de solidariedade. Do ponto de vista pessoal, várias entrevistadas no decorrer da pesquisa se referem ao bem-estar que a prática manual lhes traz. Para muitas, é uma espécie de meditação, de relaxamento, em que a mente se esvazia e também é possível entrar num outro ritmo de tempo, em que a lentidão está diretamente relacionada ao esmero da prática e ao desenvolvimento das habilidades.

Do ponto de vista cultural, podemos observar, em vários projetos, como as mulheres se apropriam de suas próprias identidades e as traduzem criativamente. Os trabalhos contam suas histórias. Muitas se reconectam com seus antepassados – com a avó, a bisavó –, e nessa reconexão têm lugar também as jovens, as adolescentes e as crianças. Resiliência, colaboração, confiança, solidariedade e compartilhamento foram palavras frequentes nas entrevistas e nas conversas.

Os exemplos bem-sucedidos de projetos comunitários revelam ações de longo prazo e a soma de equipes multidisciplinares visando melhorias técnicas e estéticas nos objetos.

Várias iniciativas apresentadas nesta exposição revelam uma compreensão extraordinária dos alcances que a prática pode ter. Veja-se o exemplo da Arte e Vida – Associação de Mulheres Artesãs de Guapiara, criada em 2012. O estatuto da associação enumera entre seus objetivos: “incentivar o artesanato de forma integrada, promovendo o fortalecimento

das cadeias produtivas locais da economia popular e solidária”; “estimular a organização na área de artesanato, visando apoiar as iniciativas das artesãs para melhoria de renda e das condições de vida dos associados e de seus familiares”; “estimular entre os associados e seus dependentes o espírito associativo, a cooperação e solidariedade”; e “promover o desenvolvimento regional, integrado e sustentável por meio da atividade artesanal”. Uma verdadeira síntese das várias dimensões do artesanato.

No que tange aos grupos comunitários, vale ressaltar que são muitos os atores necessários para que um empreendimento artesanal dê certo. Há necessidade de ações de longo prazo e a soma de equipes multidisciplinares tendo como objetivo, por exemplo, garantir a maior qualidade técnica e durabilidade dos produtos, o gerenciamento do negócio, a definição de tipologias que tenham procura no mercado, o apuro estético. O desenvolvimento dos objetos com fibra de bananeira no Vale do Ribeira, por exemplo, começou em 1991 e prossegue até hoje.

Várias organizações governamentais e da sociedade civil ou movimentos sociais têm atuado na promoção do artesanato. ArteSol, Associação das Mulheres na Economia Solidária do Estado de São Paulo (Amesol), Instituto Ecotece, Instituto Socioambiental (ISA), Rede de Saúde Mental e Economia Solidária, Sempreviva Organização Feminista (SOF) e Sutaco, do governo do Estado, são algumas das instituições que se relacionam com projetos apresentados na exposição.

Outra vertente apresentada na mostra é a de grupos urbanos, que vêm fazendo trabalhos manuais como atos de resistência e cidadania. Algo que lembra a atuação do grupo chileno Arpilleras, formado inicialmente por bordadeiras de Isla Negra e que depois se disseminou no país. Elas transformaram o bordado em arma contra a ditadura, usando pedaços de roupas de desaparecidos políticos e denunciando violações dos direitos humanos.

No Brasil, vários dos grupos urbanos usam as plataformas virtuais para divulgar seus trabalhos. Jovens transmitem técnicas por meio de vídeos no YouTube, rimando pontos de bordado ou tipos de crochê com expressões como empoderamento feminino, empreendedorismo e ativismo.

Uma tônica comum aos grupos selecionados é a ênfase no coletivo, com a recusa em destacar uma integrante em detrimento de outras. Na encomenda dos trabalhos para integrar a mostra, tivemos que lidar algumas vezes com a espera por reuniões em que se deliberaria em conjunto sobre nossas solicitações. E também, vale lembrar, com os prazos dilatados para a entrega dos objetos, confirmando que, no artesanato, o que prevalece é o tempo da delicadeza, o qual não é possível abreviar.

Para várias mulheres entrevistadas, a prática manual equivale a uma espécie de meditação. A mente se esvazia e é possível entrar num outro ritmo de tempo, mais lento.

Nosso foco central foram as mulheres; alguns grupos, porém, também têm homens entre seus integrantes. Um esforço extra foi repertoriar o nome completo, o local e o ano de nascimento de todas e todos os participantes, o que não é usual em exposições de artesanato, nas quais, via de regra, prevalecem o anonimato ou as referências genéricas.

A dificuldade de fazer a seleção final dos participantes só confirma que o artesanato paulista se encontra vivo, diverso e renovado. Ao contrário de se retrair, ele vem se expandindo na contemporaneidade. Nesse processo recente, há uma ressignificação da atividade, que alude a valores como calor humano, singularidade e pertencimento. Fazemos um parêntese aqui para lembrar que isso não ocorre só em nosso estado, mas é um fenômeno global, que atinge países desenvolvidos ou em desenvolvimento. Um fórum que vem mapeando essas iniciativas e promovendo reflexão a respeito delas é a conferência acadêmica *Making Futures*, realizada desde 2009 pelo Plymouth College of Art, na Inglaterra. Ela investiga o artesanato, o movimento

O título se refere à capacidade de, juntas e misturadas, mulheres de diferentes gerações, procedências e classes sociais reinventarem poeticamente o mundo em que vivemos.

maker e a arte como potenciais “agentes de mudança” na sociedade do século XXI, apontando a emergência de uma estética de produção e consumo com base em movimentos de pequenos artesãos.

Essa resignificação ocorre também no âmbito da arte contemporânea. Há cerca de duas décadas, houve um deslumbramento com as tecnologias digitais. Muitas instituições criaram programas destinados a essas áreas. Mostras de arte eletrônica se sucederam. Na atualidade, artistas que trabalham com técnicas como bordado, crochê e tricô vêm conquistando espaços cada vez maiores em museus, galerias e feiras de arte. Leonilson, Ernesto Neto, Rosana Paulino e Arthur Bispo do Rosário são exemplos da valorização de obras que têm materialidade construída com as mãos.

Mesmo com esses avanços, persiste um forte preconceito em relação ao artesanato. Na perspectiva hierarquizada de uma certa visão que permeia a cultura ocidental, artesanato é o último degrau, visto de forma depreciativa. Algumas pessoas que querem valorizar o feito à mão têm optado por empregar *artesanía*, palavra em espanhol que não consta dos dicionários de português. O livro *The Craftsman*, do filósofo norte-americano Richard Sennet, foi traduzido como *O artífice* na edição brasileira. Seguramente as vendas seriam menores se fosse *O artesão...*

Gostaríamos que a exposição pudesse contribuir para dissolver esses conceitos pré-concebidos e, assim, colaborasse para uma apreciação real dos trabalhos expostos, questionando as divisões rígidas entre Arte (com “a” maiúsculo) e artesanato. Observar demoradamente os objetos permite perceber a complexidade de várias construções formais e a densidade expressiva de várias autoras.

O inventário iniciado para a apresentação de *EntreMeadas* no **Sesc Vila Mariana** se expandiu para a itinerância no **Sesc Guarulhos** e a exposição chega agora ao **Sesc Bauru** enriquecida com cinco novas participações da região. Ao todo, 25 grupos de 18 municípios se fazem presentes: Américo Brasiliense, Atibaia, Bariri, Bauru, Bertoga, Botucatu, Cananeia, Carapicuíba, Eldorado, Guapiara, Guarulhos, Miracatu, Olímpia, Osasco, Ourinhos, São Bento do Sapucaí, São Paulo e Tremembé.

O título *EntreMeadas* se refere tanto ao fato de trazermos à luz um patrimônio precioso de nossa cultura que estava enredado, sem a visibilidade que merece, quanto ao universo dos materiais presentes na mostra. Quando falamos de entrelaçar fios, do fazer têxtil, falamos também do tecido social em que vivemos. E, acima de tudo, da capacidade de, juntas e misturadas, mulheres de diferentes gerações, procedências e classes sociais, reinventarem poeticamente o mundo em que vivemos.

Adélia Borges
Curadora





PARTICIPANTES





ABAYOMI ONÃ

| GUARULHOS |

As Abayomis foram concebidas como um mecanismo de construção e reconstrução das memórias e da autoestima das populações negras. A definição é da maranhense Lena Martins, que desenvolveu e batizou as bonecas de pano nos anos 1980, no contexto de sua militância no movimento negro no Rio de Janeiro. De lá para cá, as oficinas de confecção das bonecas se disseminaram pelo Brasil e chegaram a outros países da diáspora africana.

Em Guarulhos tem destaque o Abayomi Onã, criado pela jovem Elizabeth Regina. Ela tem um perfil artístico multidisciplinar: atua como atriz na Cia. Los Xerebas; integra a Cia. Bueiro Aberto, de cinema; ajudou no processo de construção do projeto Cinepreto, de exibição de filmes e promoção de debates em favelas; e é cantora no grupo musical Raízes de Baobá. Nas oficinas de Abayomi que realiza em vários locais de Guarulhos, ela ensina a técnica e também busca ampliar a reflexão sobre as identidades negras.

Feitas sem cola e sem costura, utilizando restos de tecidos, as Abayomis são representantes legítimas da “estética da precariedade” – ou seja, a capacidade de fazer muito com pouco, e de improvisar – tão tradicionalmente arraigada na população brasileira. O corpo é feito com tecidos maleáveis na cor preta, que tenham um pouco de elastano para facilitar as amarrações. A veste utiliza pequenos pedaços de tecidos variados. Eventualmente podem ser agregados paetês, contas ou rendas nos acabamentos. Os rostos propositalmente não têm olhos, boca ou nariz, pois seria impossível retratar a diversidade das feições das várias etnias de escravizados que vieram para o Brasil. Os tamanhos vão de 4 cm, utilizado para a elaboração de brincos, até 20 cm. Uma série temática representa os orixás Exu, Iemanjá, Ogum, Oxóssi, Obaluayê, Oyá, Oxumaré e Oxum. No caso de Obaluayê, o material usado é a palha.

| Abayomis, bonecas de pano com as representações dos orixás Oxóssi, Obaluayê, Iemanjá, Oyá, Oxumaré, Exu e Ogum (alturas de 12 a 20 cm).





ARTE E VIDA

| GUAPIARA |

Arte e Vida é o nome fantasia da Associação de Mulheres Artesãs de Guapiara, município da região do Alto Paranapanema. O trabalho das associadas começa no cultivo de espécies nativas de milhos em pequenas propriedades rurais familiares. A variedade dos beges, marrons e roxos naturais das palhas é explorada na confecção de uma série de objetos.

Criado em 2012, o grupo tem 16 associadas. Filhas e sobrinhas das participantes somam-se ao projeto para várias atividades. Em 2017, a associação foi uma das três finalistas na categoria agroecologia no Prêmio da Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, que reconhece tecnologias inovadoras de impacto social desenvolvidas no país. Em 2019, técnicos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) atestaram que as espécies com as quais elas trabalham não têm contaminação de transgênicos.

Alice de Oliveira coordena a equipe, que se valeu de processos de capacitação feitos pelo Instituto Socioambiental (ISA) e pela Secretaria do Meio Ambiente junto a comunidades do Vale do Ribeira, onde foram criadas rotas de milho crioulo. Embora estejam mais perto de Sorocaba (a 166 quilômetros de distância), os habitantes de Guapiara se relacionam muito com Registro, a “capital” do Vale, a 224 quilômetros. Integrantes do Arte e Vida já ministraram oficinas de trançado no Sesc Registro.

A palha de milho normalmente era descartada, e hoje a venda de cestas, jogos americanos, mandalas, suportes de painéis, bolsas, flores e bonecas feitos com o material gera renda para as famílias no município. Outra matéria-prima trabalhada é a taboa.

| Esteiras trançadas com palhas de milho em cores naturais (medidas variáveis: 40 x 40 cm [menor] | 70 x 70 cm).









ARTE EM AMARRIO | BARIRI |

O nome *amarrio* vem do verbo amarrar, e caracteriza uma técnica cujos primeiros registros datam do início do século XX, em Bariri, na região de Bauru. A origem é singela: trazer um toque de beleza às toalhas de banho e de mesa feitas com a reutilização de tecido de sacaria de arroz. O recurso era desfiar a barra do algodão rústico e fazer nós, compondo motivos geométricos – assim, a carência de recursos materiais ficaria amenizada. As mulheres teriam aprendido a fazer os nós observando pescadores do rio Tietê confeccionarem redes de pesca.

Hoje há duas modalidades da técnica. A primeira, também conhecida como abrolhos, consiste em desfiar o tecido e dar os nós, tal como se fazia com a sacaria. Tecidos empregados podem ser também a juta e o linho. A segunda é o macramê, elaborado em geral em versão mini, com linhas de acrílico, para a elaboração de barrados posteriormente aplicados em toalhas industrializadas de

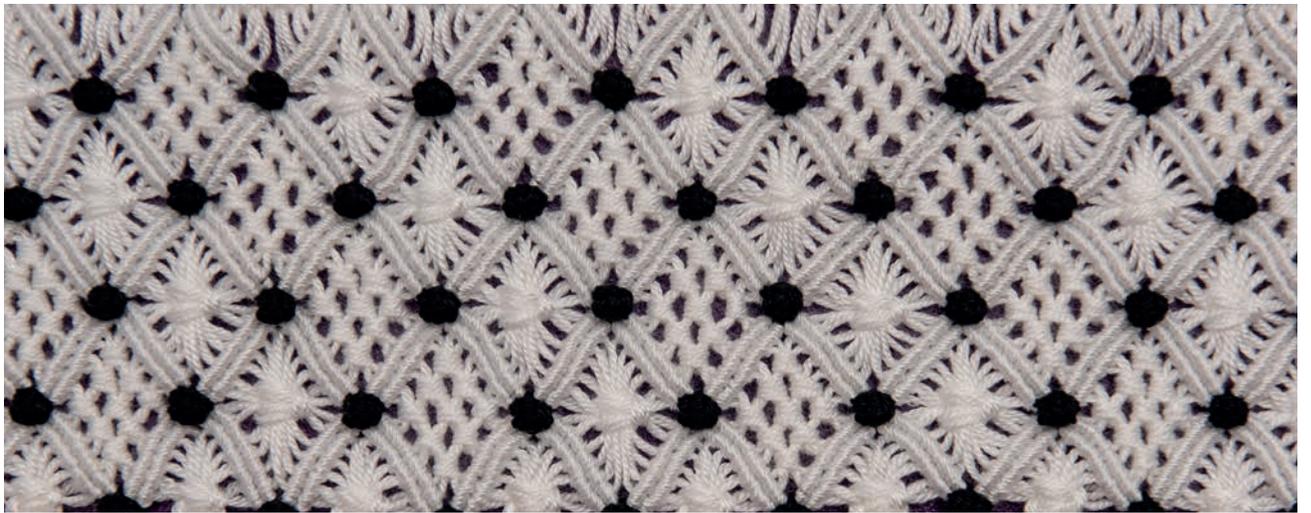
lavabo, de rosto e de banho. Barbantes, linhas mais grossas, fios de malha e tirinhas de couro também podem ser utilizados na variedade em macramê.

O trabalho é feito apenas com as mãos. Agulhas são usadas somente para a costura dos barrados. Os principais pontos de nós são os de laçada, quadrado ou segredo, festonê, gravata ou gravatinha, torcido ou DNA, escama e pipoca. Eles se multiplicam em dezenas de versões e subdivisões, e em tramas mais abertas ou mais fechadas.

Desde 2019, a produtora cultural Noemi Rodrigues vem implementando projetos para a divulgação da técnica em oficinas e exposições virtuais, contemplados por editais como o ProAc e a Lei Aldir Blanc. Algumas praticantes passaram a se reunir no grupo informal batizado de Artes em Amarrio. Em 2020, uma importante conquista: o modo de fazer amarrio foi reconhecido por lei municipal como patrimônio cultural imaterial de Bariri.

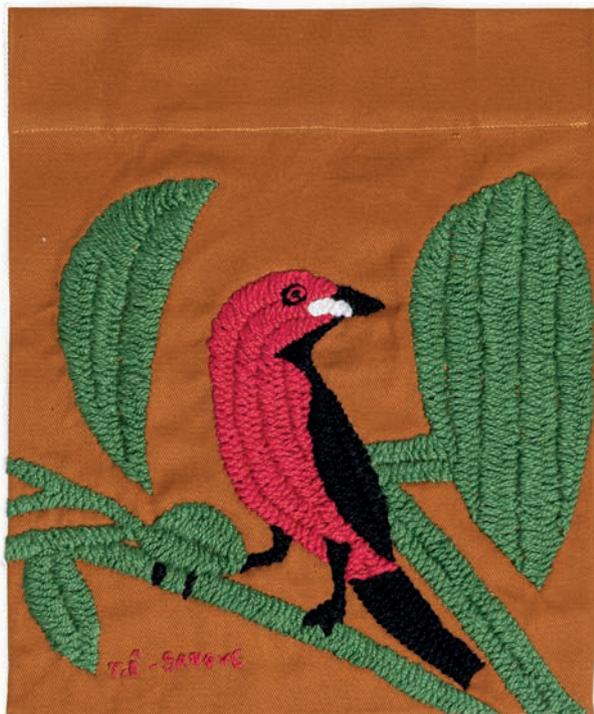
À esquerda, toalha na modalidade abrolhos em tecido de saco de arroz desfiado. Maria Dadalto (32,5 x 63 cm). Acima e nas páginas seguintes, detalhes de nós de amarrio na modalidade macramê, feitos para barras de toalhas de lavabo. Fio acrílico. Maria Dadalto e Regiana Bueno Pexe (medidas variadas).







SAI-AZUL



ARTE ROSES | BERTIOGA |

Desde 2018, o Sesc Bertioga vem realizando regularmente laboratórios de criação artesanal voltados para processos criativos. As oficinas têm atraído artesãos de vários segmentos, que fazem bijuterias, objetos de madeira, acessórios de moda e vestuário em várias técnicas têxteis, bolsas, objetos de papel, entre outros. Há um estímulo à adoção de temáticas que traduzam, nos objetos, de forma plural, as identidades locais. Nesse diapasão, um dos conteúdos que surgiu se relaciona ao ambiente da Mata Atlântica, ecossistema onde a unidade está instalada.

As irmãs Rosângela (1968) e Rosemeire Camilo de Sousa (1967), ambas nascidas em Jacarepaguá (RJ) e radicadas em Bertioga desde 1993, toma-

ram o mote e transformaram pássaros (como o tiê-sangue, o saí-azul e o tucano) e plantas (como a helicônia, a figueira e o manacá-da-serra) em bordados com bastante personalidade, cores fortes e inspiração na técnica mexicana do tenango. Elas extraem as referências sobre as espécies de pássaros do livro *Aves do Sesc Bertioga* (Edições Sesc SP, 2004).

Nos últimos anos, o Arte Roses vem expandindo seu trabalho criativo e as irmãs passaram a dar cursos na região. A realização de um bazar semanal na sede do Sesc Bertioga ajuda a congregar os artesãos e impulsionar suas vendas e profissionalização. Uma medição verificou que o rendimento dos participantes dobrou desde o início do projeto.

| Bordado sobre brim, linha de algodão (medidas variadas: de 20 x 20 cm a 30 x 30 cm).



BANARTE | MIRACATU |

A Banarte é voltada exclusivamente para a transformação da fibra de bananeira em dezenas de objetos artesanais, tanto bidimensionais (como jogos americanos, descansos de panela e tapetes) quanto tridimensionais (como bolsas e luminárias). A Associação ocupa, desde 2000, um galpão de cerca de 500 m² situado no centro de Miracatu, conjugando oficina e loja. Das 20 associadas, no momento sete artesãs frequentam diariamente a sede. Eva José dos Santos, de Feira de Santana (BA), é a mais antiga no agrupamento, e a paulistana Leia Alves coordena as atividades.

Ali é possível acompanhar o processo de transformação da matéria-prima. O talo da bananeira permite extrair cerca de sete camadas, em cortes longitudinais, feitos com uma faca. A primeira parte extraída é o filezinho, utilizado em acabamentos e alças para bolsas. A segunda é a buchinha, fibra mais macia. A terceira é a branquinha, a mais usada na elaboração de peças, a qual, em

algumas bananeiras, apresenta a coloração roxa, recebendo, então, o nome de roxinho. A quarta tira é a rendinha – um tipo de gaze natural, de textura leve e porosa, que parece uma renda. A última parte é a casquinha, mais dura, usada em jogos americanos e tapetes.

Depois de cortadas, as fibras são lavadas e deixadas em varais para secagem. Algumas são usadas em suas cores naturais, outras recebem tingimento com corantes industriais ou, mais recentemente, com o uso de açafrão, cenoura, andiroba, pó de café e folha ou caroço de abacate. Em seguida, são tecidas no tear de pente ou trançadas à mão para a elaboração de algumas alças de bolsas e cintos. O processo pode ser acompanhado na própria sede, onde as artesãs trabalham em dez teares. Possuem ainda mais três teares pequenos, os quais usam para ministrar cursos. As variações nas composições com diferentes partes das fibras e diferentes cores são infinitas.

| Acima, tiras de branquinha, parte do talo da bananeira. Ao lado, painéis elaborados no tear com mistura de casquinha, branquinha, roxinho e rendinha; amarração de fio de algodão. Cores naturais das fibras ou com tingimento (180 x 60 cm).





BORDADEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO | OSASCO |

O Jardim Conceição nasceu de uma ocupação urbana organizada, na década de 1980, pelo Movimento Terra e Moradia em Osasco, na Grande São Paulo. A abertura da Escola de Educação Básica Fundação Bradesco no bairro, em 2004, propiciou o encontro de mulheres em cursos extracurriculares para adultos e a atividade do bordado surgiu como uma opção de geração de renda. O grupo Bordadeiras do Jardim Conceição começou a se formar em 2008 e foi transformado em associação em 2013.

Em 2011, os designers Renato Imbroisi e Cristiana Pereira Barretto deram uma capacitação de um ano, em que ajudaram as artesãs a aprender a dominar todo o processo - dos traços dos desenhos, que passaram a ser baseados em referências delas próprias, até as técnicas do bordado, costura, acabamento, definição de tipologias de produtos que tenham demanda de mercado e apresentação das

peças de forma adequada para comercialização (o modo de dobrar, embalar etc.). Estimularam, sobretudo, sua criatividade e livre expressão. Várias coleções foram desenvolvidas desde então, como Jardins da Conceição, Natureza, Utensílios e Fachadas. Um carro-chefe das vendas é a Cartilha do Bordado, mostruário de pontos com os quais trabalham - areia, caseado, margarida, nó francês, reto, rococó e sombra são alguns deles. As tipologias de produtos incluem almofadas, colchas, jogos americanos, toalhas de mesa, aventais, bolsas, sacolas, panos de prato e guardanapos.

As artesãs do Jardim Conceição se tornaram mestras do bordado. A mineira Rozeli Cândida da Silva conta que elas são chamadas para cursos em várias instituições em São Paulo e participam de projetos de revitalização do artesanato em outras regiões. Há 23 associadas ativas no momento.

Detalhes de tecidos para colchas e almofadas. Bordado sobre percal 400 fios e linha de algodão. Acervo Museu A Casa. (Medidas variadas: de 83 x 62 cm a 46 x 47 cm).





BORDADO E PROSA | OURINHOS |

Reunir-se com amigas para bordar, conversar, refletir sobre a vida... Essa prática tem se difundido muito no Brasil nos últimos anos e se faz presente no Bordado e Prosa, de Ourinhos – município de cerca de 115 mil habitantes na região oeste do Estado de São Paulo. O grupo informal nasceu em 2016, com o propósito inicial de bordar em locais públicos, como praças da cidade e a Biblioteca Lidya Frayze. A inspiração veio de grupos como a Confraria do Bordado, de Brusque (SC) e do Piradas no Ponto, da capital paulista.

Na biblioteca, construída pelo ator Antonio Fagundes na Vila São Luiz, periferia da cidade, desenvolveu-se o projeto Literatura Bordada. Os escritos e trajetória da escritora goiana Cora Coralina foram tema para as participantes em 2017, resultando em pranchas reunidas num livro. Em 2019, autores ourinhenses foram o foco de pesquisa e de sua “tradução” em pontos e linhas. No mesmo ano, o olhar se abriu para outros escritores, como Manoel de Barros, Adélia Prado, Clarice Lispector e Marina Colasanti.

No centenário de Ourinhos, em 2018, cada uma bordou, em pequeno formato, cenas da cidade – a chaminé de uma olaria que já não existe mais, o antigo grupo escolar, a Santa Casa. Os pedaços foram costurados, formando um painel, o qual foi integrado ao acervo do Museu de Arte e Cultura da Universidade Integrada de Ourinhos (Unifio), onde permanece em mostra permanente.

Bordadeiras do grupo vêm participando de vários eventos, como “Gotas de Brumadinho”, em 2020; “Ô de Casas em panos, fios e pontos”, projeto de Mônica Salmaso com curadoria de Rita Izabel Vaz e Olinda Evangelista, 2020; “Fios da Vida”, projeto do grupo Nós Entrelaçadas, em Tupã, 2022. Nos inícios das estações, a prática é exibir os trabalhos em praça pública; na pandemia, os varais foram virtuais. A mais velha e mestra de todas é Carmen Rubio Prosdocimi, nascida em 1932, em cujo quintal também se dão vários dos encontros.

Detalhe de *Outono no quintal da Carminha*, de Carmen Rubio Prosdocimi. Bordado sobre linho, linha de algodão (37,5 x 28 cm).
À direita, bordado sobre linho misto, linha de algodão e miçangas, de Bel Rubio (30 x 30 cm).

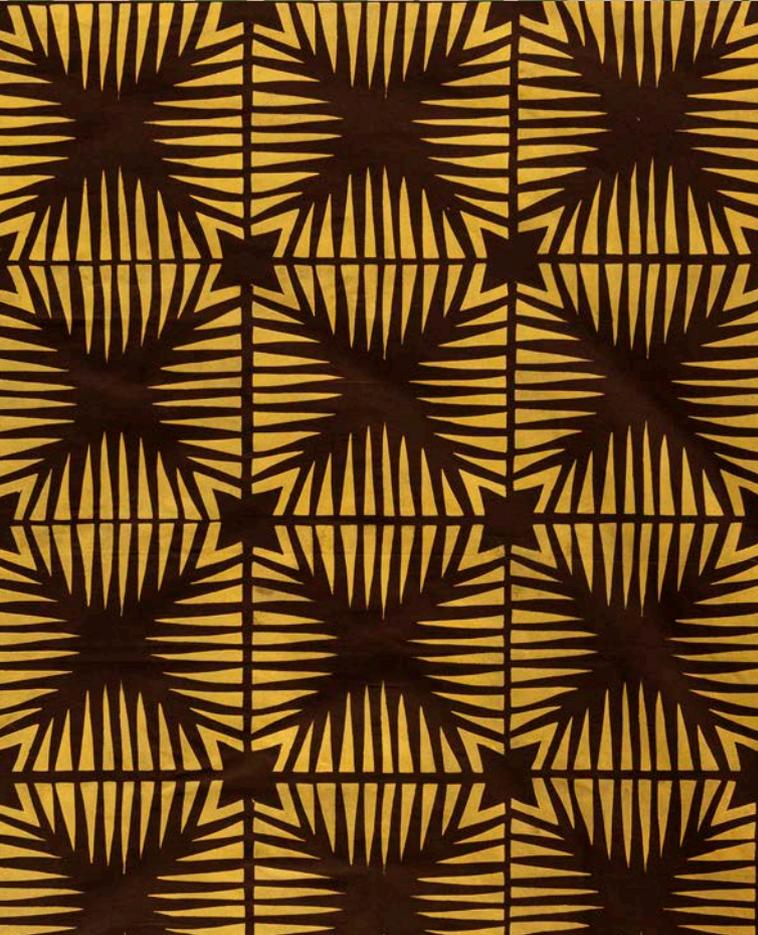
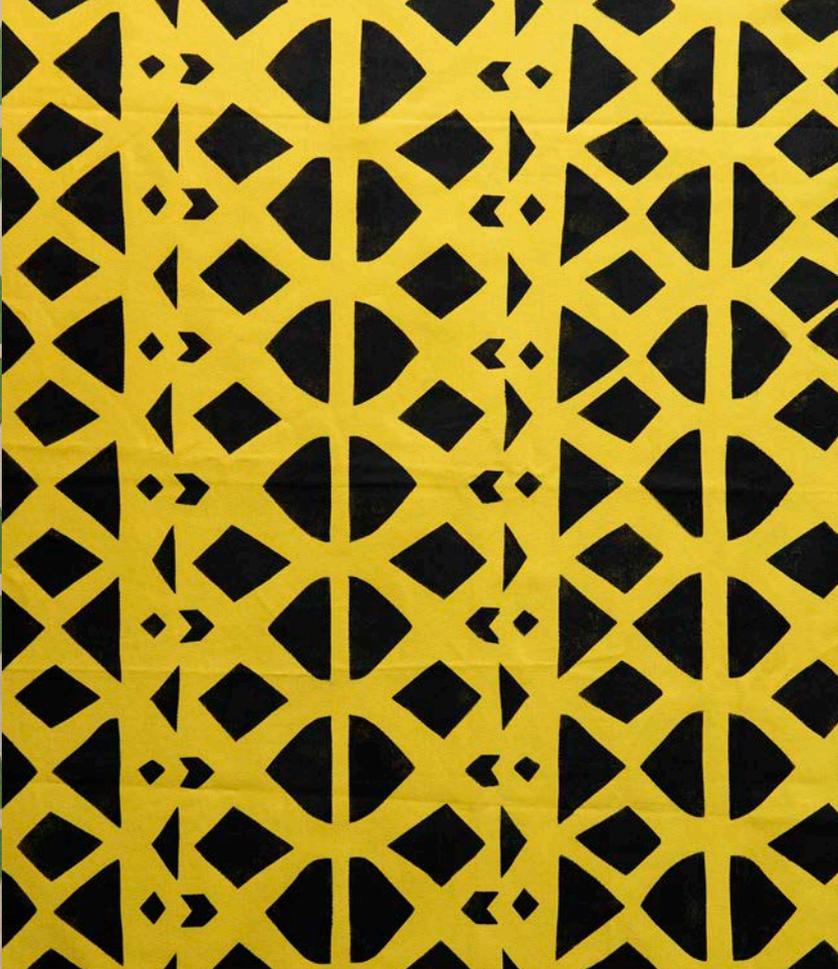
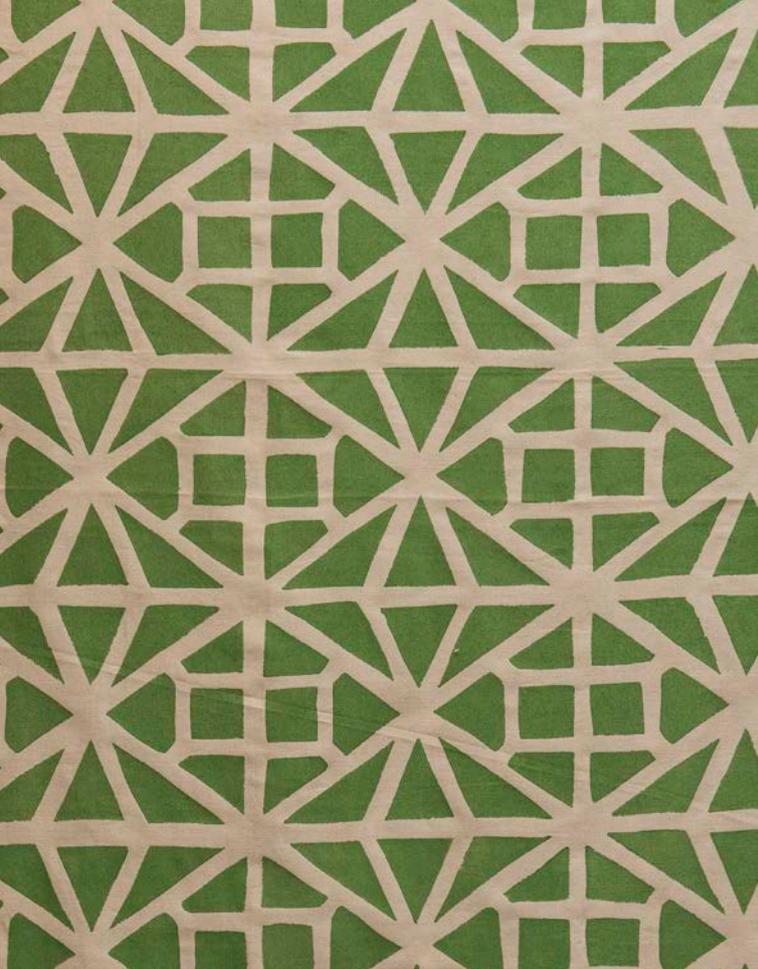


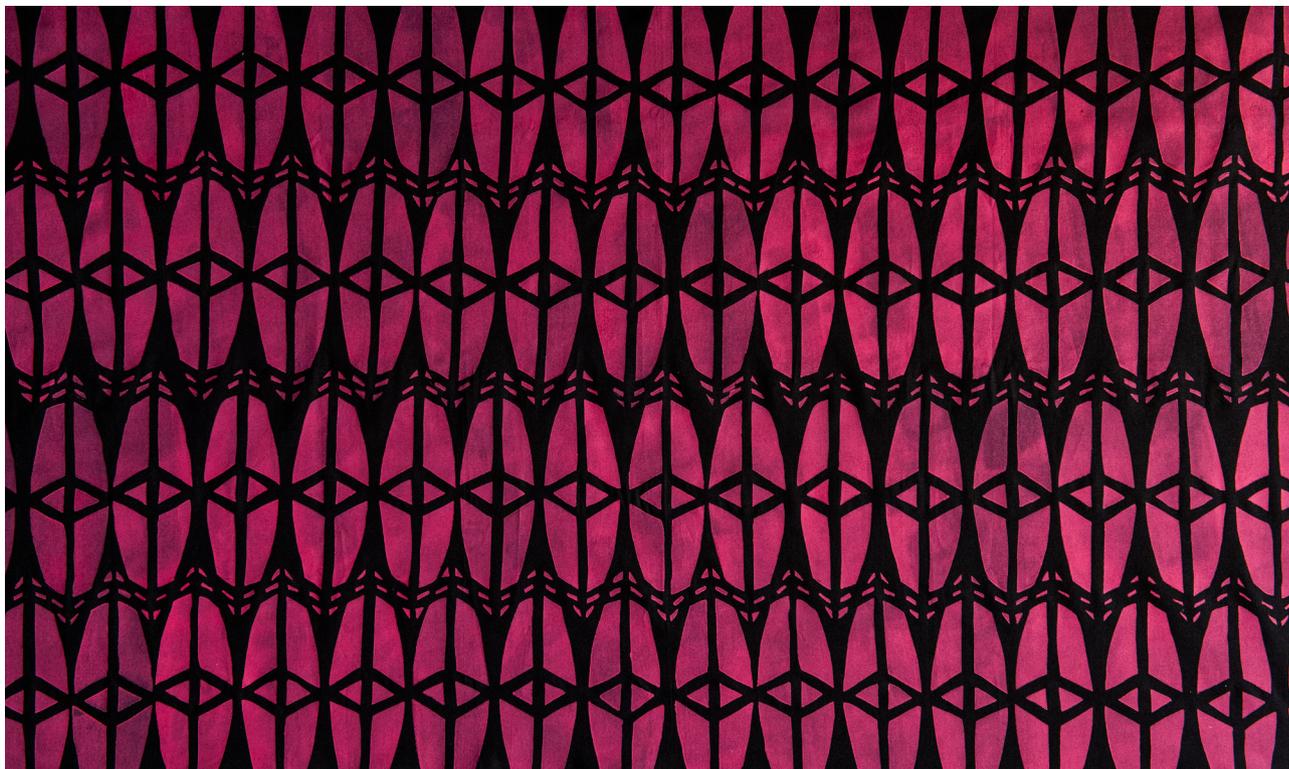
BELRUBIO





À esquerda, bordado sobre algodão, linha de algodão e fio de lã merino, de Tânia Faber Fernandes, com desenho de Kazuko Aoki (45 x 45 cm). Acima, bordado *Zentagle* sobre linho, de Terezinha Palma, com linha de algodão tingida artesanalmente por Sissi Antunes (50 x 52 cm).





BOTUÁFRICA | BOTUCATU |

O Botuáfrica nasceu por iniciativa da Assessoria de Políticas Públicas para Igualdade Racial da Prefeitura de Botucatu. A então assessora, Conceição Domingos Vercesi, queria trabalhar a cultura como ferramenta no combate ao racismo e à discriminação. A gestora cultural Silvia Sasaoka, moradora da cidade, propôs um programa de capacitação em artesanato, com estamparia, confecção de acessórios, bordado e costura. As oficinas foram realizadas em 2010 e 2012, com a participação de associados de duas comunidades – Evoluir e Pérola Negra – de bairros periféricos da cidade.

A artista plástica paulistana Mônica Nador foi chamada para conduzir as oficinas de estamparia em tecido. Com longa trajetória na criação de repertórios a partir das histórias das pessoas que participam de seus projetos, sempre em projetos de autoria compartilhada, ela desenvolveu, com o grupo, padrões de iconografias afro-brasileiras. O estêncil foi escolhido por ser uma técnica simples:

ele utiliza máscaras e moldes para sua aplicação em superfícies planas como tecidos, permitindo a multiplicação de imagens artesanalmente. Os tecidos passaram a ser usados para a elaboração de roupas, bolsas e sacolas ou vendidos a metro, e tiveram grande repercussão na cidade.

A mudança na gestão da Prefeitura levou à extinção da Assessoria para Igualdade Racial e à perda de locais onde os artesãos se reuniam para trabalhar coletivamente, mas alguns deles continuam elaborando produtos Botuáfrica. É o caso de Sandra Lopes, que prossegue na estamparia, utilizando sarja, algodão cru, tricoline e tecido de fibra de bananeira. A ativista do movimento negro e ex-assessora Conceição Domingos Vercesi procura formas de fortalecer o Botuáfrica de forma autônoma, sem depender de governos. Em sua opinião, os tecidos permitem que a sociedade veja a cultura afro-brasileira com um outro olhar.

| Estamparia manual sobre sarja, tintas vegetais à base de pigmentos naturais, medidas variáveis. Sandra Lopes.



CLEIDE TOLEDO

| SÃO PAULO |

O senso comum associa o uso de fibras vegetais ao artesanato praticado em distantes áreas rurais. A artesã Cleide Toledo, contudo, extrai a matéria-prima de seu trabalho de áreas próximas à sua casa na Zona Leste paulistana. Atualmente, os brejos nos entornos do Presídio de Guarulhos e da Rodovia dos Trabalhadores são a fonte para a extração da fibra de taboa (*Typha domingensis*) com que faz uma infinidade de peças.

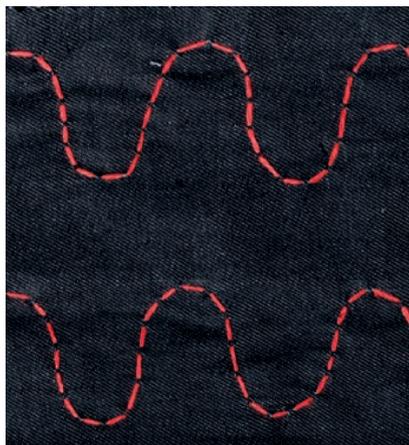
Seu mestre foi o marido Manoel Baptista Neto. Cleide atuava na área de saúde quando passou a acompanhá-lo na poda e limpeza da palha da taboa. Aprendeu que a secagem correta é essencial para a durabilidade do material e sua resistência a fungos e que o manejo ecologicamente correto permite um uso prolongado da área de extração, sempre sob licença do Ibama e/ou de órgãos reguladores locais. Ao ficar viúva, em 2006, resolveu prosseguir o ofício para sustentar sozinha os dois

filhos e deu asas à sua criatividade no trançado da palha, conformando cestos, vasos, cachepôs, bolsas, móveis ou peças decorativas. A técnica é repassada em cursos frequentes realizados em várias instituições.

Além da prática do ofício, a artesã se destaca por seu ativismo em prol do reconhecimento do artesanato no país. Em 2018, liderou a criação da União dos Artesãos Profissionais do Estado de São Paulo; durante vários anos integrou o Conselho da Sutaco, do governo paulista; e colabora com a curadoria de obras para exposições e espetáculos, a exemplo do programa “Sr. Brasil”, que tem Rolando Boldrin à frente na celebração da cultura tradicional brasileira. Peças de sua autoria integram o acervo do Museu da Palha de Florença, na Itália. Cleide foi uma das cinco finalistas do Prêmio Governo do Estado para as Artes 2020/2021 na categoria Cultura Popular e Tradicional.

| Cestaria de taboa com costuras em fio de sisal (vaso de 90 cm de altura e diâmetro de 20 a 40 cm e cesta de 50 x 17 cm).





COLETIVO YBYATÃ | SÃO PAULO |

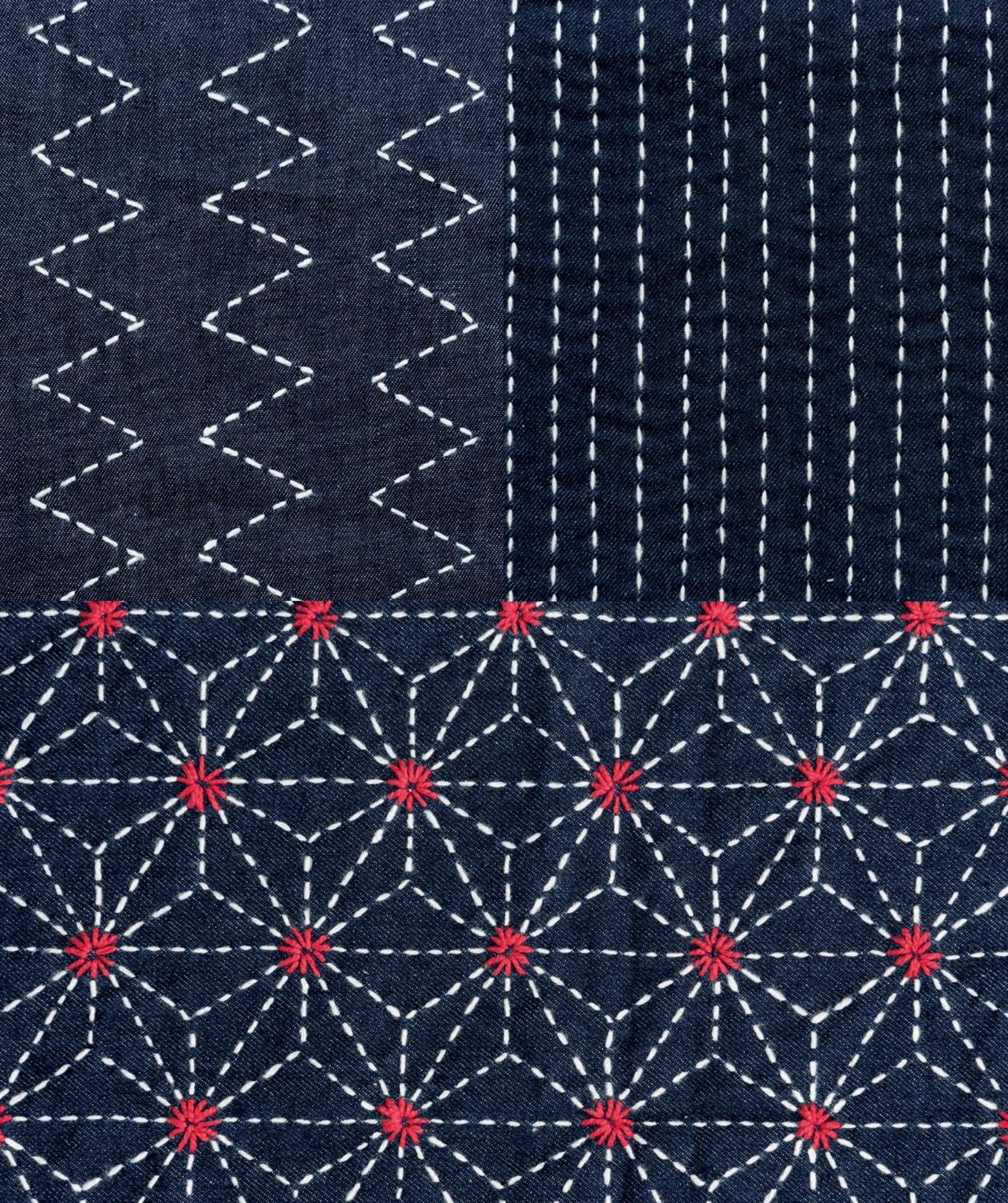
O Coletivo Ybyatã – nome que significa “Butantã”, em tupi-guarani – compõe o movimento social da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária. O grupo nasceu em 2017, dentro do Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, equipamento da Secretaria da Saúde do Município de São Paulo, e se tornou autônomo em 2020, logo após o início da pandemia.

Estamparia manual e bordado são as práticas habituais, empregadas em bolsas, roupas, jogos americanos, porta-óculos e toalhas de mesa, entre outros produtos. Na estamparia, carimbos talhados por eles reproduzem, em geral, frutas e vegetais. O bordado ganhou um repertório renovado com a participação de Noriko Hiramatsu. Ela ensinou ao grupo o *Sashiko*, técnica que aprendeu no Japão – país onde nasceu (em 1948) e onde viveu de 2003 a 2016. Trata-se de um bordado bem simples, quase

um alinhavo, que surgiu na cultura japonesa como uma forma de remendar as roupas para prolongar seu uso. Os pontos tracejados adotam padrões decorativos que se repetem, tais como círculos, quadrados, triângulos e ziguezagues.

O sistema de funcionamento do Ybyatã é de autogestão coletiva, em que todas as decisões são compartilhadas, sem hierarquias. Por meio do trabalho manual o grupo busca transformar criativamente processos de apagamento e invisibilidade. O gargalo da comercialização é atenuado com a participação no VôaFeira, que promove marcas autorais na intersecção entre economia criativa e saúde mental. “Para o Ybyatã, a economia solidária é um processo de fortalecimento da experimentação de coisas novas, de ampliar as trocas sociais e afetivas e resgatar histórias de vida”, diz uma publicação do grupo.

| Detalhes de bordado *Sashiko* sobre jeans, linha de algodão (medidas variadas: de 40 x 40 cm a 100 x 150 cm).









COOPERATIVA LILI

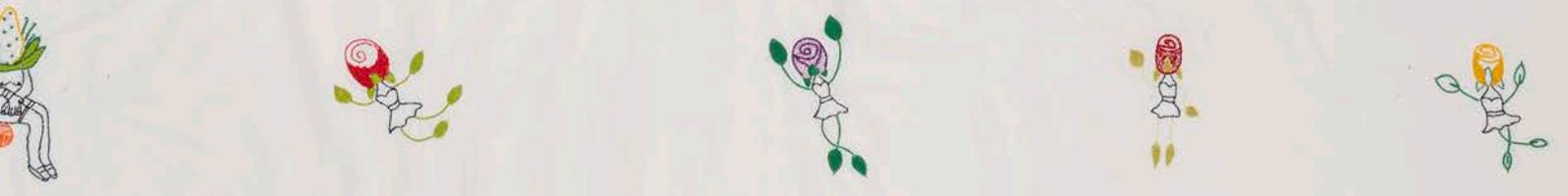
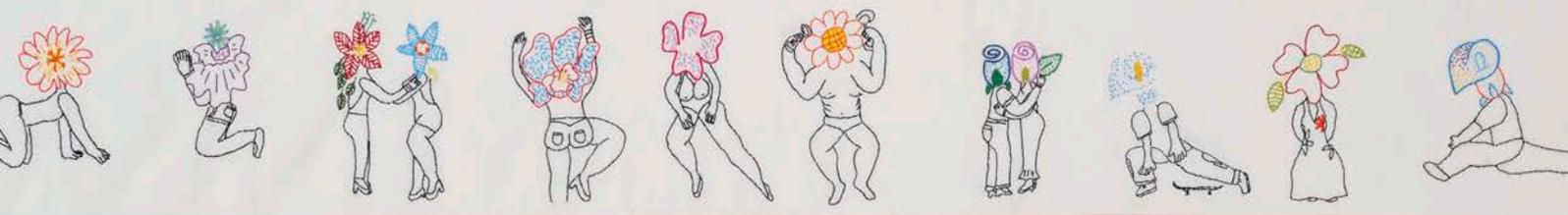
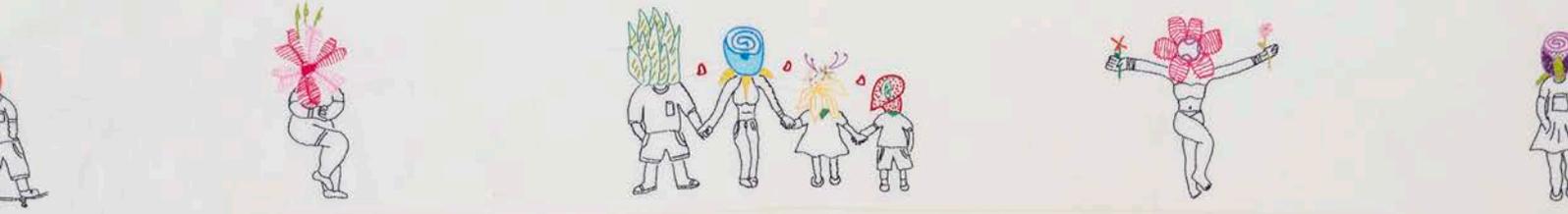
| TREMEMBÉ |

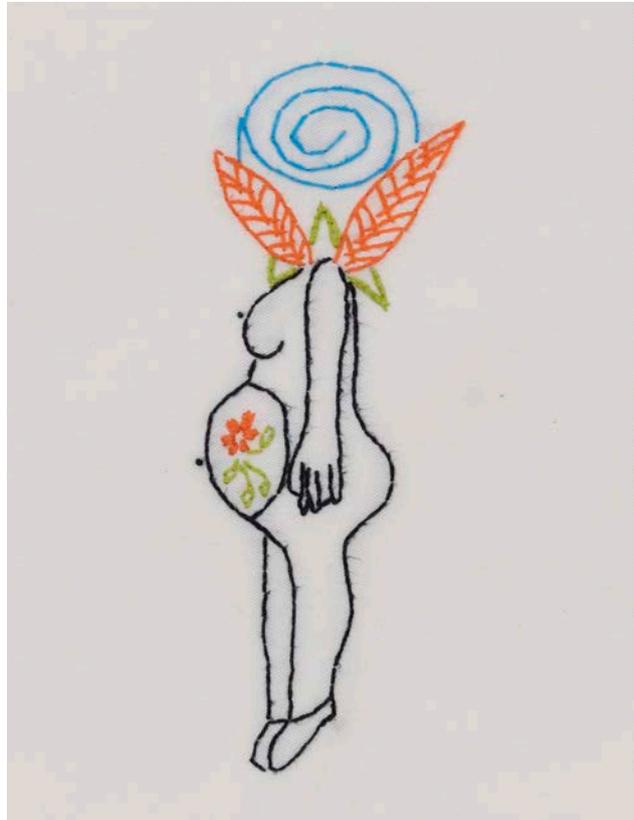
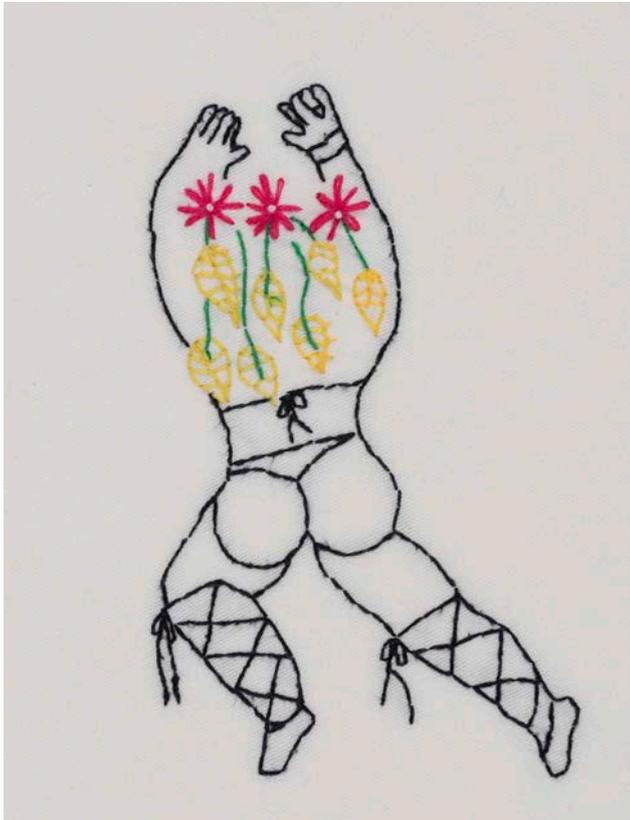
A Cooperativa Lili é integrada por cerca de 30 detentas e ex-detentas da Penitenciária Feminina II de Tremembé. A iniciativa do Instituto Humanitas360 tem o objetivo de oferecer condições para que elas administrem seu próprio negócio e tenham perspectivas após a saída da prisão. O Instituto promoveu, em 2018, uma série de oficinas com os designers Renato Imbroisi e Cristiana Pereira Barretto para capacitar as mulheres na criação e desenvolvimento de colchas, bolsas e almofadas, entre outros produtos, nas técnicas de costura, bordado e crochê.

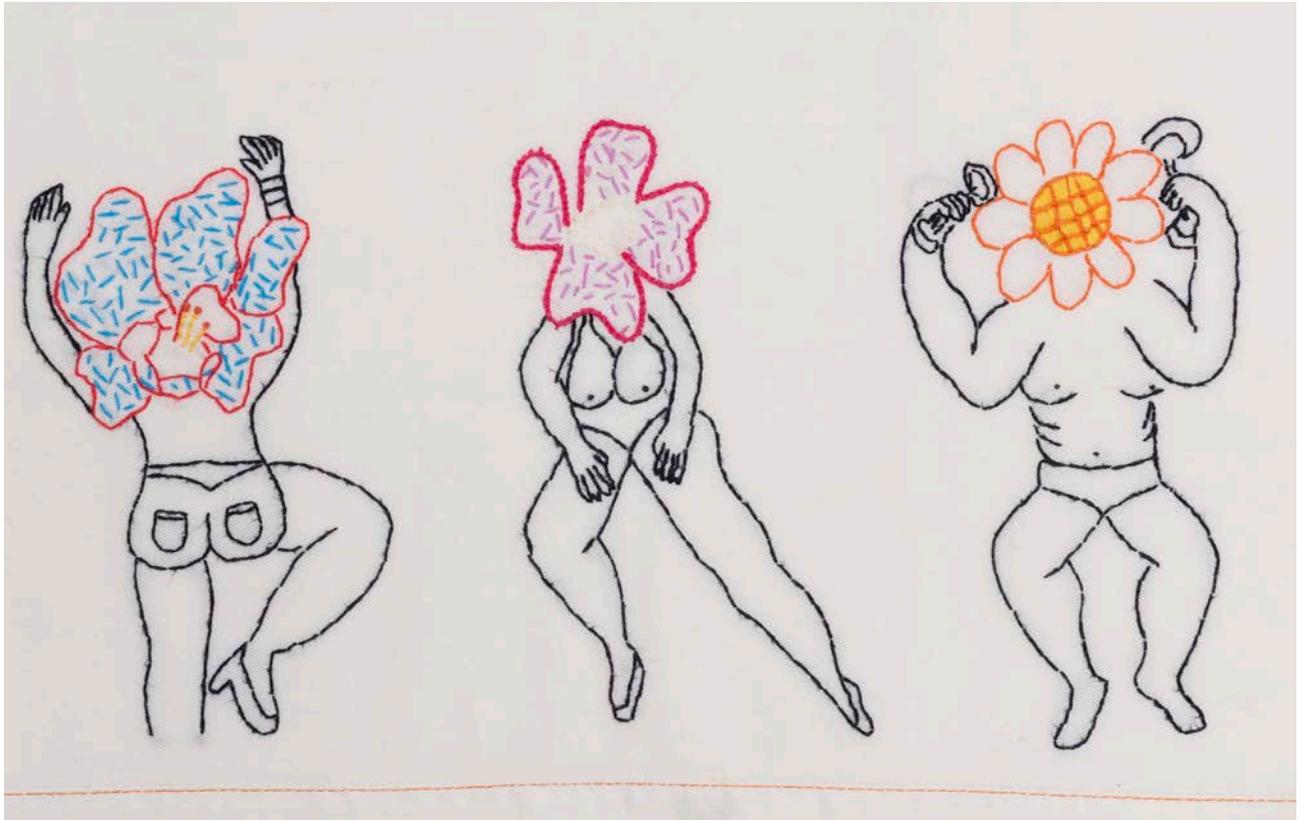
O processo teve a colaboração voluntária das designers Camila Testa Stifelmann e Gisela Allegro Baptista Bilyk, da restauradora Isabel Milani e do

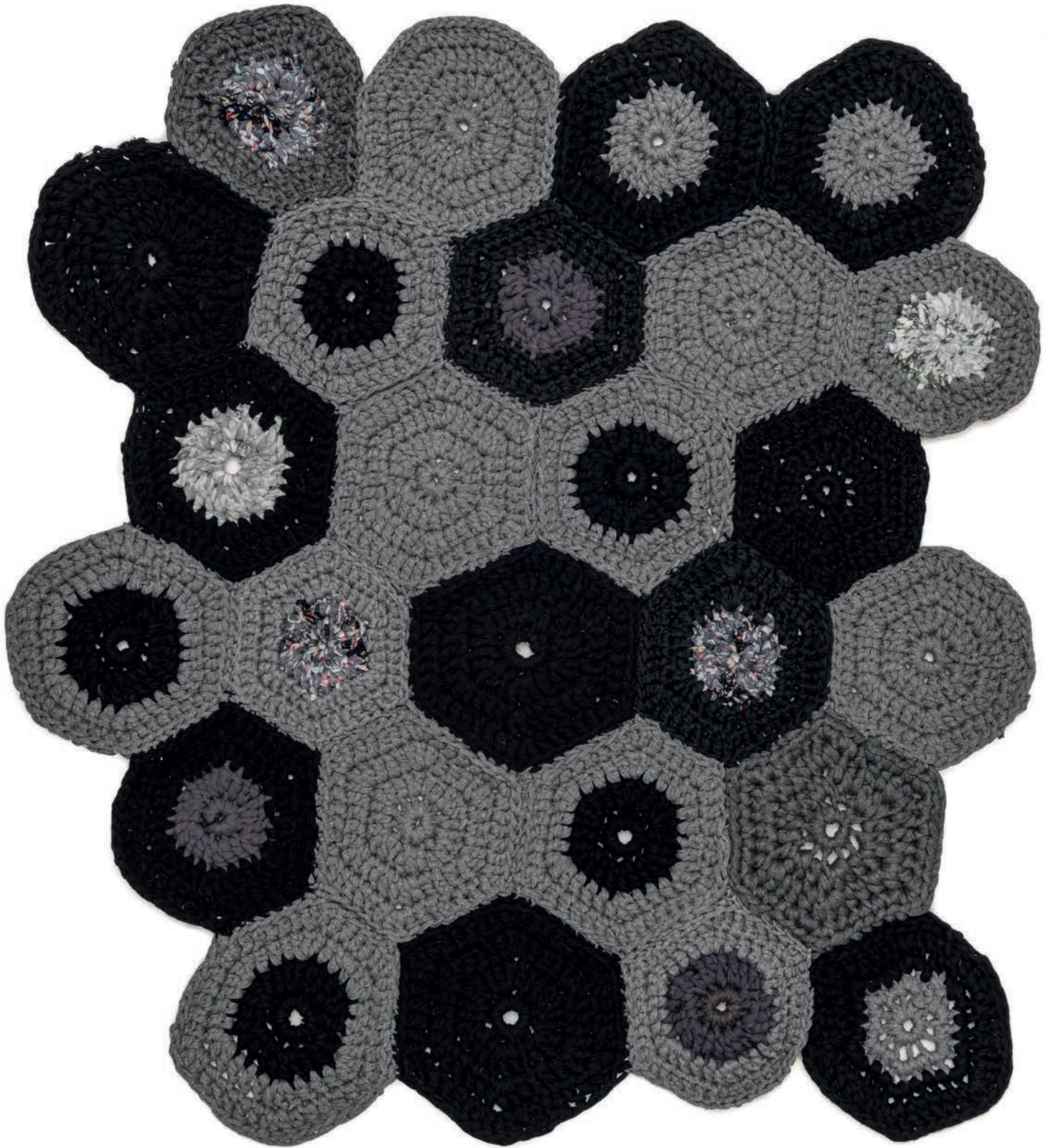
artista plástico e professor de desenho Paulo Von Poser. As participantes foram convidadas a desenhar em conjunto, no mesmo papel, e encorajadas a descobrir suas possibilidades criativas, numa prática que tem o caráter de liberação. A marca Tereza Vale a Pena foi criada para a comercialização dos objetos. Na gíria dos presídios, Tereza é uma corda improvisada, feita com lençóis amarrados, usada em tentativas de fuga. Etiquetas adicionadas aos produtos contam a história de vida de cada artesã. A marca e seus canais de venda são gerenciados pelo Instituto Humanitas360, organização sem fins lucrativos que fornece capital semente, capacitação técnica e apoio ao desenvolvimento do modelo de negócio. A totalidade da renda é transferida para os detentos e ex-detentos cooperados.

| Bordado sobre algodão em colcha de casal (240 x 240 cm).











PROJETO CRISÁLIDA

| BAURU |

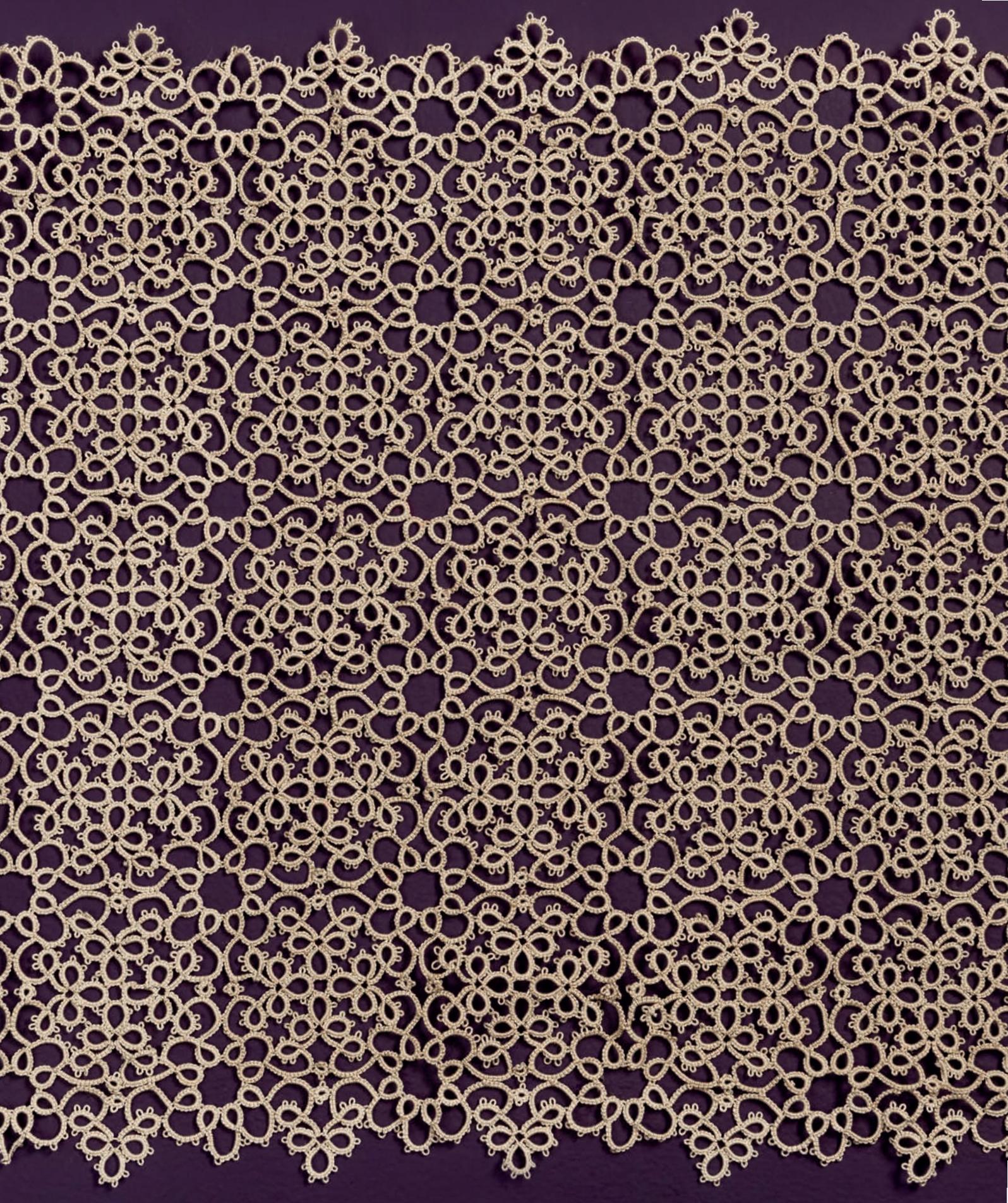
O Crisálida nasceu em 2021, dentro do programa Recicla Bauru, implementado pela Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Bauru e Região (Ascam). A Associação, na ocasião, geria oito ecopontos, em convênio com a prefeitura. A direção da Ascam teve, então, a ideia de propiciar um novo ciclo de vida a roupas descartadas pela população e, para isso, se cercou de jovens da área de design e moda que constituíram o grupo informal Crisálida, com a participação de catadoras e catadores.

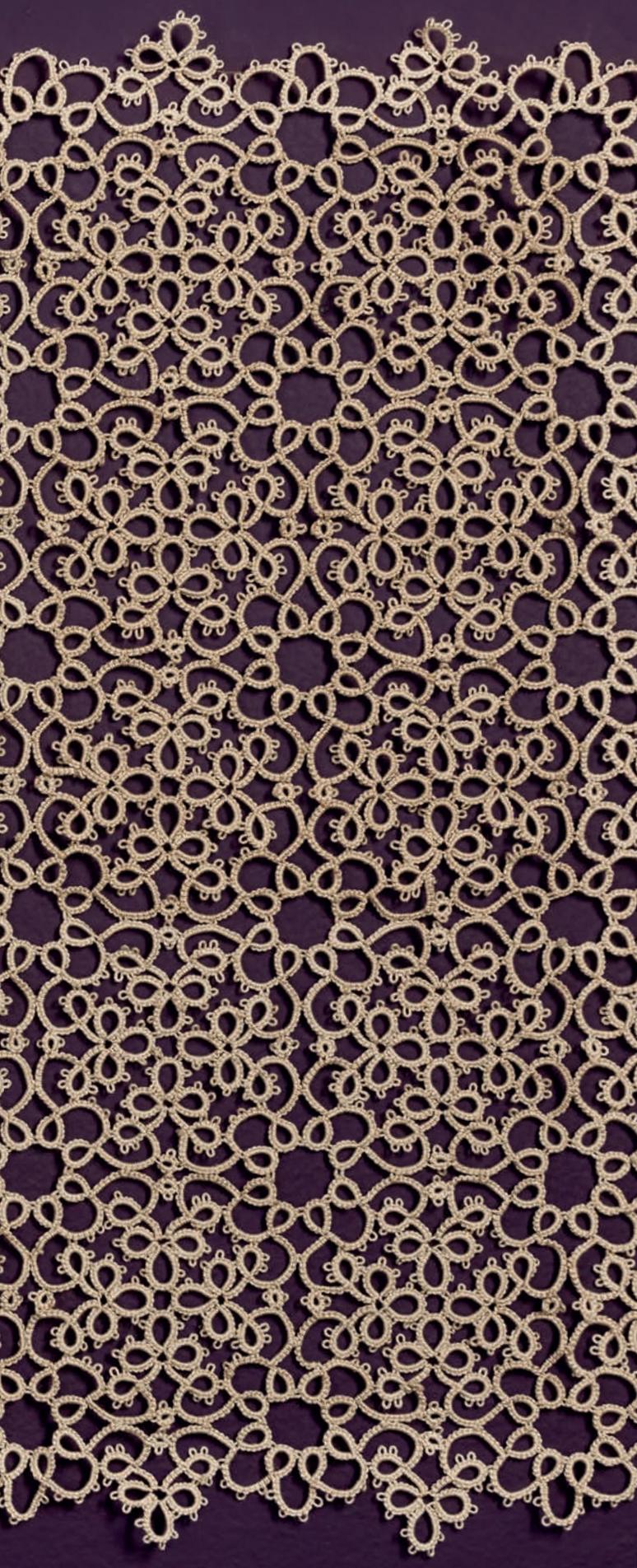
As peças recolhidas são triadas e levadas para a sede da Associação, num barracão no Jardim Redentor, na periferia da cidade. Algumas precisam só de lavagem ou demandam pequenos reparos, como barra, troca de botão e conserto de furos; outras são customizadas com bordados, apliques, botões e detalhes em crochê, num processo que envolve também o lado criativo e o repertório dos participantes do projeto. Há, finalmente, aquelas que se

transformam em matéria-prima e renascem em peças completamente diferentes, retomando seu ciclo produtivo. Retalhos de roupas, lençóis e toalhas são picotados e usados para recheios de brinquedos, como ursinhos, ou de edredons. O mesmo material pode ser costurado e se transformar em colchas de retalhos ou capas de almofadas, recebendo ou não detalhes em bordado e fuxico. Camisetas são cortadas em tiras e usadas na técnica do crochê para fazer chapéus, bolsas, cachepôs, descanso de painéis e tapetes, alguns constituídos de hexágonos que podem ser combinados de diversas maneiras. As cores das peças são determinadas pelas cores das camisetas.

O objetivo do grupo é reduzir cada vez mais a quantidade de resíduo têxtil que vai para o aterro de Bauru, estimular reflexões junto à população quanto à educação ambiental e gerar novas fontes de renda para os cooperados.

| Tapete Colmeia. Crochê de tiras de malha de camisetas reaproveitadas (89 x 91 cm).





ELIANA BOJIKIAN POLITO | BAURU |

Eliana Bojikian Polito aprendeu a fazer renda *Frivolité* aos 13 anos com sua mãe, que aprendera com uma freira. Seu vestido de noiva foi inteiramente feito com esse tecido. A técnica usa linha de crochê e pode ser feita com agulha de crochê fina ou com um instrumento próprio, a naveta (também conhecido como navete). Ele guia o fio e facilita a formação da sequência de nós e laços que caracterizam o trabalho, formando círculos e semicírculos. Os pontos incluem picô (do francês *picot*), anéis e arcos. O jogo complementar entre cheios (os pontos) e vazios (as lacunas entre eles) é o que constitui a riqueza estética dessa modalidade de renda, também conhecida como espiguilha, rendilha ou *tatting*, em inglês.

Navegar na internet foi a principal fonte de aprendizagem de Eliana. Ali, constatou a amplitude do repertório formal dessa renda, a qual comporta uma infinidade de desenhos e configurações, além da possibilidade de sempre inovar. É também na internet que ela vende seus produtos – caminhos de mesa, toalhas de bandeja, golas de roupas e peças de vestuário, entre outros. Eliana também dá aulas sobre a técnica.

A *Frivolité* exige grande delicadeza e boa dose de paciência. A peça selecionada para EntreMeadas foi feita durante dois meses por Eliana. Ela utilizou duas navetas, o que demanda maior habilidade. Há controvérsias quanto à origem precisa da técnica e de seu nome, que alguns atribuem a comentários frívolos que as mulheres supostamente fazem enquanto estão entre si. Em obras de arte europeias do século XIX, há cenas de mulheres da elite europeia segurando navetas.

| Detalhe de caminho de mesa, linha de algodão (120 x 33,5 cm).





LUCINDA BENTO

| AMÉRICO BRASILIENSE |

No cartão de visitas, ela se apresentava como “Lucinda artesã”. O rótulo não é o bastante para dar conta desta criadora que manejava lãs e fibras com maestria e enorme liberdade criativa. Nascida em São Gonçalo do Sapucaí (MG), em 1941, Lucinda começou a trabalhar como babá aos 9 anos de idade, e foi empregada doméstica durante algumas décadas - primeiro em São Paulo e, a partir de 1984, em Américo Brasiliense, no sítio de seus patrões. Além das atividades domésticas, passou a cuidar da criação de ovelhas, encarregando-se da tosquia, do corte, da lavagem, da carda, do tingimento, da fiação e também de tecer a lã.

Ao longo do tempo, foi ampliando as matérias-primas para incluir barbantes, algodão, palha de seda, fibra de bananeira, palha da costa, juta, taboa e outras fibras vegetais. Desprendeceu-se aos poucos

da geometria mais rígida da técnica do Kilim, inicialmente adotada na confecção de tapetes, para fazer composições mais livres no tear. Passou a dar vazão também ao gosto de criar cores, numa gama vibrante e ampla.

A veia de professora se revelou na Oficina de Tecelagem Sinhá Prado, na qual ensinou a técnica de tecelagem para mais de 100 alunos. Foi uma ativista do artesanato e das artes, tendo criado, em 2005, a União dos Artistas e Artesãos de Américo Brasiliense, da qual se tornou presidente. Sua casa mantém várias obras de artistas e artesãos da região e seus tapetes de lã adornam a igreja na liturgia de Corpus Christi. Tantas atividades lhe valeram o título de cidadã honorária do município. Inquietude, inventividade, curiosidade e disposição para experimentar marcaram sua obra. Lucinda faleceu em 2019.

| Tapeçaria em macramê, lã tingida, sisal e barbante (116 x 82 cm). Na próxima página, *Delírio*, à esquerda, e *Loucura*, à direita, ambos de lã tingida e barbante (133 x 42 cm).





MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA

| CANANEIA |

A Enseada da Baleia reúne uma comunidade tradicional caiçara na Ilha do Cardoso, no município de Cananeia, no litoral sul do estado. A ilha foi transformada em parque estadual em 1962, e a sobrevivência de seus moradores sempre teve seu esteio na pesca artesanal. A partir dos anos 2000, houve um declínio da atividade pesqueira. Os habitantes passaram, então, a procurar alternativas de geração de renda que combinassem a manutenção do modo de vida tradicional, sem necessidade de os jovens migrarem para centros urbanos, como já começava a ocorrer, ao lado da intenção de não agredir a rica biodiversidade de seu ambiente.

Dessa inquietação, nasceu, em 2010, o grupo Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia. Começaram elaborando sacolas e roupas com tecidos industriais, até que viram no lixo trazido à praia pela maré – as redes de pesca descartadas pelos muitos barcos pesqueiros que circulam em águas próximas ou distantes – a matéria-prima para o seu trabalho.

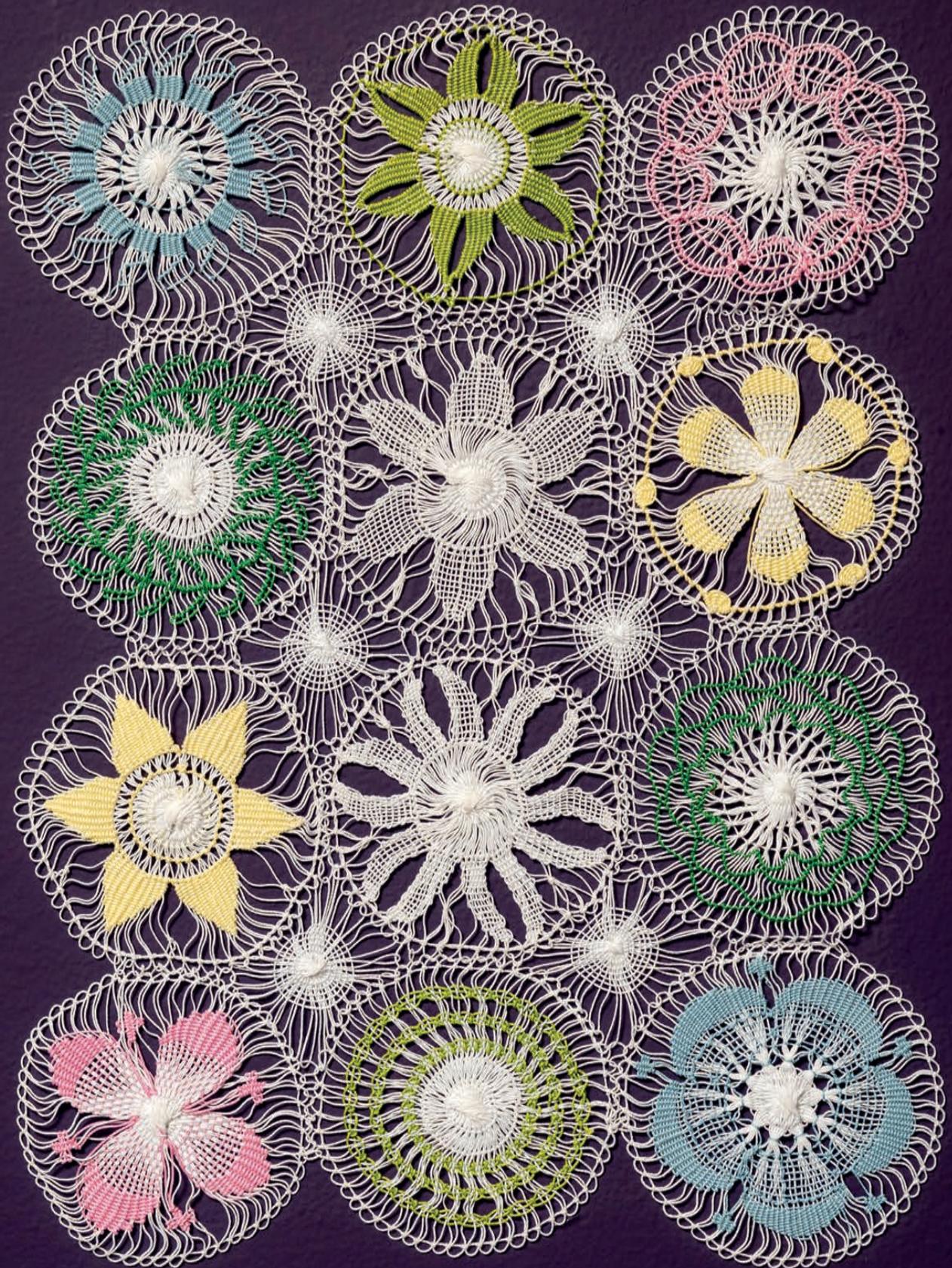
Os vários tipos de redes, tanto de fios de algodão quanto sintéticos ou mistos, passam por repetidas lavagens até que não reste qualquer resquício de sujeira. Pedacos íntegros são recortados à mão e outros são desfiados, formando rolos de fios. A partir daí, usam o crochê e/ou a costura para elaborar pulseiras, colares, bolsas, roupas ou detalhes de roupas, como golas e punhos. Alguns objetos ganham ainda detalhes bordados, e eventualmente usam também o tricô. O material pode ser usado em sua cor original, o azul-marinho, ou receber tingimento, até agora restrito a corantes industriais.

O grupo é constituído por nove integrantes e funciona no sistema da autogestão coletiva. Tatiana Mendonça Cardoso é uma das líderes. Elas desenvolvem também turismo de base comunitária e, desde 2015, beneficiamento dos peixes por meio de secagem ao sol ou defumação, para comercialização.

| Rolo de redes de pesca de camarão que serão transformados em colares, cor natural (fio: espessura de 1 cm de diâmetro)









NHANDUTI DE ATIBAIA

| ATIBAIA |

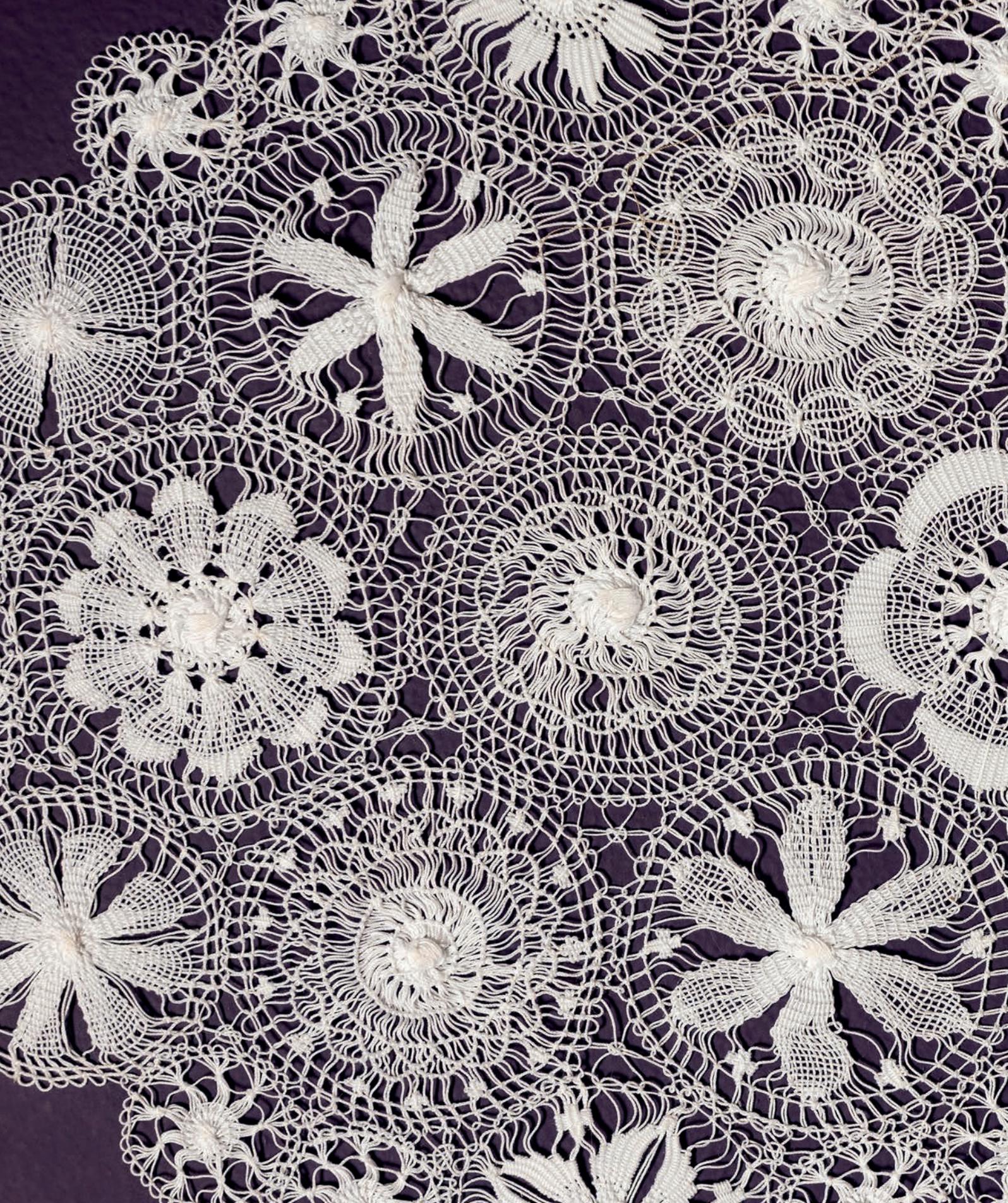
Elizabeth Horta Correa lidera essa iniciativa que se dedica, desde 2005, a pesquisar, registrar e disseminar o conhecimento sobre a renda Nhanduti, também conhecida como Tenerife ou Sol, devido a seu formato circular. Formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Elizabeth foi reconhecida em 2017 como Mestra Rendeira pelo Prêmio Culturas Populares do Ministério da Cultura.

Nessa renda modular, cada módulo tem o diâmetro máximo de 8,5 cm. O centro de mesa *Quem conta um conto aumenta um ponto*, de 2010, exhibe diferentes padrões, recuperados a partir de pesquisas em livros de estudiosos, manuais da técnica e entrevistas com praticantes. Os motivos vão desde os extraídos da flora e fauna na tradição

guarani até formas abstratas e geométricas. O Nhanduti de Atibaia está mais interessado na salvaguarda e difusão da técnica, por meio de aulas abertas, demonstrações práticas e participação ativa nas mídias sociais, do que na comercialização. Para valorizar a sofisticação do trabalho, tem desenvolvido peças pequenas, tais como brincos e colares. Além de usar a linha fina de algodão, a mais tradicional, tem trabalhado também com cordão encerado.

A renda Nhanduti teve relevância econômica no Estado de São Paulo nos anos 1950, sendo muito praticada no município de Socorro – que, como Atibaia, fica na região de Campinas. Socorro permanece com forte vocação têxtil, tendo se notabilizado pelo tricô e, agora, pela malharia.

Toalha com linha de algodão (30 x 23 cm). Gargantilha *Mandala* com cordão encerado e argolas de latão – à esquerda (20 x 20 cm). Brinco Sol de linha de algodão e prata lavrada (4 cm). Na próxima página, centro de mesa *Quem conta um conto aumenta um ponto* (44 x 32 cm).







ODETE CORADINI | OLÍMPIA |

O trançado estrela utiliza palha de milho, numa trama em formato de estrela, única no país. Difundida em Olímpia, na região noroeste do estado, a técnica é um dos patrimônios do artesanato paulista. O complexo trabalho de dobraduras, que lembra um origami, estava presente no detalhe de uma indumentária pertencente ao acervo do Museu de História e Folclore Maria Olímpia, e foi reavivado em 2001, quando o Sebrae realizou um projeto de revitalização do artesanato na região.

A designer Fabiola Bergamo viu na tradição um caminho projetual ancorado na identidade local. A artesã Geralda das Neves Singh, conhecida como dona Lalá, conseguiu decupar e reconstruir o trançado, que tinha uma estrela de seis pontas, muito difícil de ser elaborada. Entraram em cena, então, Maria Isabel Gameiro e Odete Coradini, que

desenvolveram a modalidade com quatro pontas. O processo se tornou mais fácil, mas, ainda assim, bem demorado – Odete demorou 15 dias para fazer a esteira apresentada na mostra. A mecanização recente da colheita do milho na região trouxe grande dificuldade para a obtenção da matéria-prima, pois as máquinas trituram a palha. As artesãs estão buscando alternativas de fibras vegetais para continuar o trançado. Olímpia preza a sua história e a memória de sua cultura. A lei federal nº 13.566, de 2017, conferiu ao município o título de Capital Nacional do Folclore. Desde 1964, ali se realiza o Festival do Folclore de Olímpia. A iniciativa partiu de José Sant’Anna, já falecido, professor de uma escola pública local. Ele foi também o criador do museu municipal. Sem a sua ação de salvaguarda, muito provavelmente a requintada técnica do trançado estrela teria se perdido no tempo.

| Detalhe de esteira de palha de milho, trançado estrela (85 x 73 cm). Abaixo, descanso de mesa (15 x 15 cm).







OFICINA DOS ANJOS | SÃO PAULO |

O movimento antimanicomial brasileiro teve um marco importante em 1987, com a criação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPs) Itapeva, o primeiro do país. Na ampla casa no bairro paulistano da Bela Vista funciona, desde 1999, a Oficina dos Anjos, dedicada ao fazer manual. Crochê, fuxico, tricô, costura e bordado são algumas das técnicas frequentes. Em 2019, eram 15 os participantes regulares, dos quais cinco homens, com coordenação da pedagoga Fátima Ramalho. A venda das peças proporciona uma complementação de rendimentos para alguns, ou é a única fonte de subsistência para outros.

O Instituto Ecotece atua há cinco anos com a Oficina dos Anjos e já fez a intermediação de parcerias com designers como Flávia Aranha, Luiza Perea, Useverse e Fio Atêlie. Em 2018, a parceria se deu com a designer Fernanda Yamamoto. A valorização dos saberes artesanais está presente no DNA dessa marca, com o objetivo não só de enriquecer o resultado final das roupas, mas de pôr em prática a dimensão social do design, com ações que trabalham a questão da sustentabilidade dentro de um sentido amplo.

Na parceria com a Oficina dos Anjos para a coleção inverno 2019, testaram várias técnicas e materiais e, ao final, elegeram o capitonê - processo muito utilizado em mobiliário - para o desenvolvimento de detalhes dos trajes. Uma etiqueta anexada às roupas relata a iniciativa e aponta o nome de quem fez cada peça. A colaboração deu tão certo que se repetiu para a coleção verão 2020. O Ecotece se encarregou da gestão produtiva do projeto e trabalha no momento com outros 12 grupos produtivos em situação de vulnerabilidade social no Estado de São Paulo.

| Ao lado, direito e avesso de tecido de teste da elaboração de capitonê (80 x 122 cm). Acima, blusa em seda com detalhe em capitonê, coleção inverno 2019 da marca Fernanda Yamamoto (130 x 72 cm).

PIRADAS NO PONTO | SÃO PAULO |

O objetivo do grupo Piradas no Ponto é fazer “uma ocupação poética do espaço público por meio do bordado”. Trata-se de um “coletivo semianárquico, sem corpo diretivo”, em que “todas palpitam, fazem ou não fazem, se aproximam, se afastam, vão e voltam”. Entre 2015 e início de 2020, mulheres de diferentes profissões e idades, moradoras de diferentes bairros, se reuniram regularmente um domingo por mês no Parque Trianon, na Avenida Paulista, em São Paulo. Os encontros foram interrompidos na pandemia. Com o final do isolamento social, algumas integrantes voltaram a bordar em locais públicos, mas sem periodicidade definida.

As temáticas tratadas nos bordados variam de acordo com o desejo de cada bordadeira. Alguns temas atraem várias participantes, como a série sobre o próprio Trianon, suas plantas e paisagens, e sobre a fachada do Museu de Arte de São Paulo

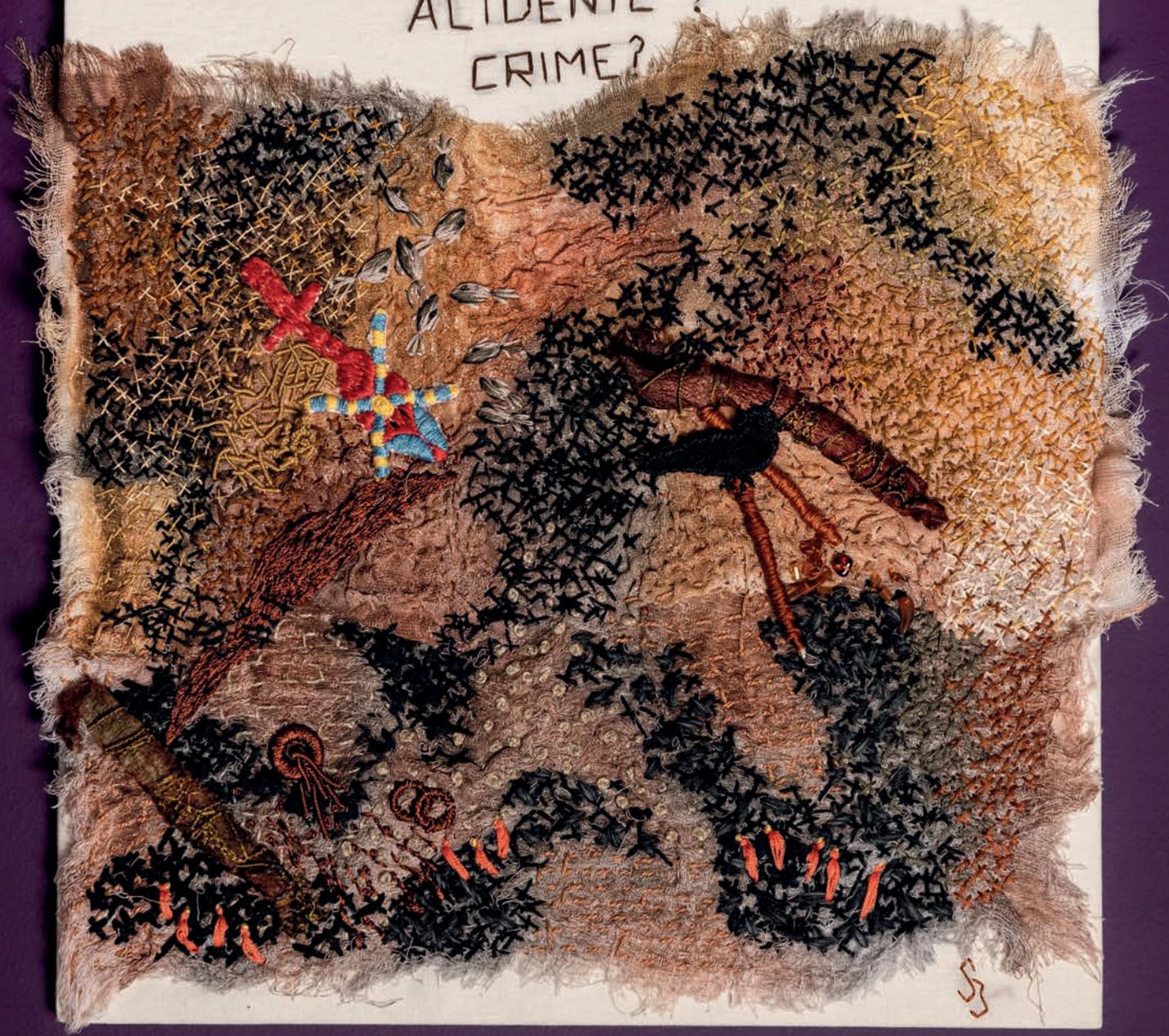
(MASP), em frente ao parque. A descontração dá a tônica dos encontros. O grupo se mobiliza para vários eventos, tais como o Mil Agulhas pela Dignidade da América Latina, em que bordadeiras de vários países se reúnem para se manifestar em questões relacionadas à democracia e igualdade de gênero no continente.

EntreMeadas selecionou trabalhos da advogada Adriana Gragnani, administradora da página do grupo no Facebook, e de Sonia Bianco e Marília Martins Coelho, elaborados como forma de manifestação de protesto e indignação em relação a dois desastres ambientais: os rompimentos das barragens de Fundão, em Mariana (que ocasionou 19 mortos e inundou várias casas no distrito de Bento Rodrigues, em 2015) e o de Brumadinho (que resultou em 242 mortos e 28 desaparecidos, em 2019, além de terem impactado gravemente as biodiversidades locais e a qualidade das águas).

Abaixo, bordado em *mix* de linhas sobre linho tingido, com aplicação de canudinho de plástico cortado e canutilhos, autoria de Adriana Gragnani (54 x 22 cm). Ao lado, bordado em *mix* de linhas com aplicação de peças de Murano, base de *voile* de algodão tingido sobre linhão, autoria de Sonia Bianco (45 x 41 cm). Na próxima página, bordado sobre algodão com trama grossa, com fios de algodão e lã, autoria de Marília Martins Coelho (28 x 39 cm).



ACIDENTE ?
CRIME ?



S







POVO INDÍGENA GUARANI MBYA | TERRAS INDÍGENAS TENONDÉ PORÃ (SÃO PAULO) E TAKUARI (ELDORADO) |

A confecção de cestos ou balaios - os *ajaka*, em língua guarani - é uma tradição do povo Guarani, que habita a região da Mata Atlântica meridional há milênios e hoje se espalha por aldeias desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, e também na região noroeste da Argentina e na parte oriental do Paraguai. Selecionamos para *EntreMeadas* exemplares feitos pelas irmãs Poty Justina (que reside na Terra Indígena Tenondé Porã, no bairro de Parelheiros, em São Paulo) e Ara Florinda (que se mudou para a Terra Indígena Takuari, no município de Eldorado, no mesmo estado).

Na tradição da etnia, o cesto é usado na roça para transportar milho, batata-doce, outros legumes e vegetais, assim como para carregar bebês. A colheita da taquara é, em geral, um trabalho masculino, mas toda a confecção é confiada a mulheres, que utilizam facas para fazer tiras muito finas das fibras e trançá-las, em

grande diversidade de formatos de cestos. Indígenas de algumas aldeias usam anilinas industriais para tingir as palhas. Poty Justina e Ara Florinda empregam apenas matérias-primas naturais - a taquarinha, de cor clara, e o cipó-de-imbé, escuro. Os desenhos geométricos expressam significados simbólicos relacionados à mitologia e à cosmogonia guarani. *Ypará korá*, por exemplo, combina várias formas encontradas na pele de cobras, enquanto *Ypará ixy* simula o movimento de zigue-zague desses animais.

Tiras de cipó-de-imbé ou de imbirã são usadas para a confecção de alças. Uma trama especial é feita nas bordas, tornando-as mais duras e resistentes. Algumas cestas possuem tampas. O vídeo exibido na exposição foi feito em oficina realizada em 2011 na aldeia Tenondé Porã e revela o envolvimento da comunidade na elaboração dos balaios.

| Cestas de taquara e cipó-de-imbé, detalhe em semente de tarumã e miçangas (medidas variadas de 11 x 17 x 10 cm a 31 x 35 x 35 cm).







PROJETO BORDAR SÃO PAULO

| VÁRIAS CIDADES |

Criar uma cartografia afetiva do Estado de São Paulo, tendo o bordado como linguagem, foi o objetivo do Projeto Bordar São Paulo, concebido pela arte-educadora Beth Ziani e desenvolvido pelo Sesc São Paulo nos anos 2010. Quinze municípios do Estado receberam oficinas que resultaram em exposições locais, as quais, por sua vez, foram palco para novas atividades e visitas monitoradas, especialmente de escolas.

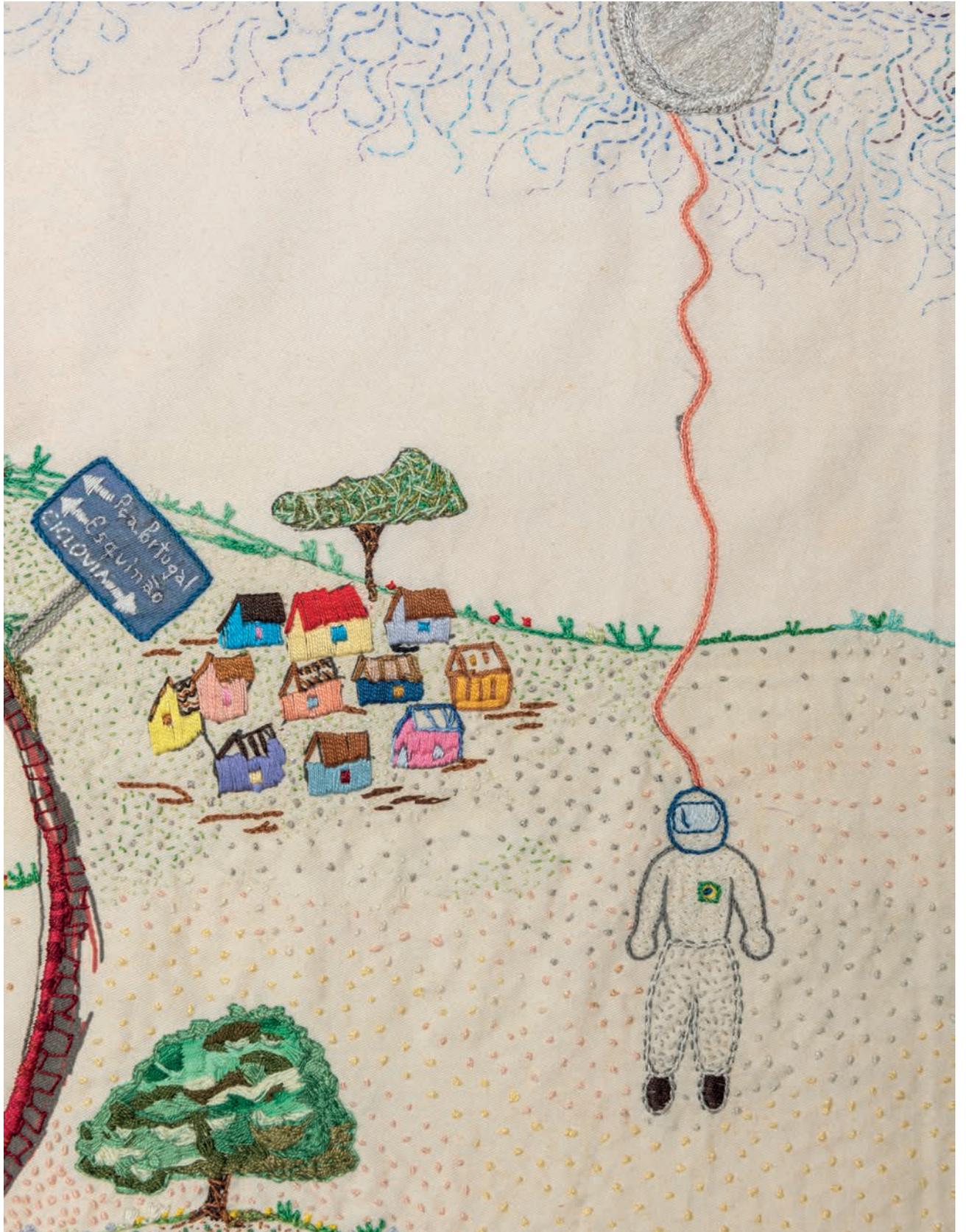
Durante quatro meses de 2012, um grupo de mulheres de Bauru se reuniu em encontros semanais para desenhar e bordar em pequeno formato lembranças e vivências de cada uma em relação à cidade. Numa segunda etapa, a partir dos desenhos individuais criou-se, em conjunto, um painel coletivo. A tela foi trabalhada por várias pessoas simultaneamente, concretizando a prática de compartilhar o ato de bordar até mesmo na relação corpo a corpo. O resultado tem

como elemento centralizador o rio (hoje canalizado sob o asfalto) e a linha de trem (hoje desativada), que se misturam. A cor vermelha foi escolhida a partir dos relatos pesquisados pelas participantes do genocídio das populações indígenas originárias do território. A igreja matriz, o coreto, o teatro, um lobo-guará, representações de brincadeiras infantis e placas com referências atuais de pontos da cidade, entre outros, completam essa escrita coletiva.

Para a itinerância de *EntreMeadas* em Bauru, a curadoria decidiu trazer à luz novamente esse painel, tanto para reavivar a memória de uma construção coletiva elaborada na cidade, quanto para estimular a reflexão dos visitantes sobre os vínculos que mantêm com a cidade e quais são seus próprios percursos afetivos nela. Beth Ziani, Joana Salles e Rioco Kayano fizeram a coordenação das oficinas locais.

| Cartografia afetiva de Bauru. Bordado sobre algodão com linha de algodão e impressão digital (167 x 98 cm).











PROJETO TEAR | GUARULHOS |

O Projeto Tear é um equipamento público de saúde mental considerado referência nacional na promoção da inclusão social de pessoas em sofrimento psíquico e outras vulnerabilidades sociais por meio da convivência, cultura e trabalho. Oficinas de tear e costura, marcenaria, vitral, serigrafia, mosaico, papel artesanal, encadernação, culinária e jardinagem reúnem as pessoas em atividades que estimulam a criatividade e geram renda. Fundado em 2003, ele integra a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) da Prefeitura de Guarulhos.

Cerca de 130 pessoas são atendidas na sede, no bairro de Gopoúva. Desde 2019, com a realocação a um espaço menor que o anterior, a frequência tem sido, em média, de duas vezes por semana, sempre no período diurno. Cada oficina tem um supervisor de projeto e um oficinheiro. No núcleo têxtil, com 17 participantes, o tear de pente liço é usado para a confecção artesanal de cachecóis, xales, mantas ou detalhes de produtos, com o emprego de fios de algodão e de lã, fitas, tiras de malha e de tecidos

dos variados e ainda sacolas plásticas reutilizadas. Na técnica de costura bolsas, *nécessaires* e sacolas empregam algodão, Ionita e materiais variados recebidos em doação.

As vendas atendem a encomendas de brindes empresariais e também são feitas na loja e nas feiras da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária do Estado, movimento social organizado que procura uma nova lógica de desenvolvimento sustentável, mais inclusiva e justa. Outra atividade importante é a condução de oficinas pelos participantes, direcionadas a vários tipos de públicos. A decisão do que fazer com o dinheiro obtido é deles próprios. Num contexto de valorização e acolhimento, há também rodas de conversa, música, cinema e atividades físicas. Por meio dessas múltiplas interações, as pessoas trocam experiências e saberes entre si e adquirem progressivamente maior autonomia. O grupo participou da abertura do Sesc Guarulhos, em 2019, com a ampla instalação Ocupa Tear, que definem como “um grito de potência e reconhecimento”.

Tecidos elaborados em tear manual de pente liço com fios de algodão, sacolas plásticas e fios de malha (medidas aproximadas de 70 x 70 cm).



QUILOMBO SAPATU | ELDORADO |

O Sistema Agrícola Tradicional (SAT) das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira foi reconhecido em 2018 como Patrimônio Imaterial Brasileiro e incluído no *Livro dos saberes*, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O reconhecimento atestou a sustentabilidade das práticas agrícolas dos quilombolas: nos últimos 300 anos, eles desenvolveram uma forma de cultivar alimentos em ambiente florestal, a qual inclui a rotatividade dos plantios e várias medidas que conservam os nutrientes do solo. A diversidade da produção local impressiona: plantam-se milho, banana, arroz, feijão, abóbora, inhame, mandioca e muitas outras culturas.

Dessas roças e da floresta ao redor, os quilombolas extraíram historicamente a matéria-prima para elaborar utensílios destinados a seu uso cotidiano, como cestas, peneiras, tipitis, abanadores e pilões. E

é dali que hoje saem tapetes, bolsas, esteiras, jogos americanos, almofadas e uma grande variedade de objetos feitos com fibra de bananeira, taboa, palha de milho, bambu, madeira, entre outros materiais.

EntreMeadas apresenta na itinerância de Bauru objetos feitos no quilombo Sapatu, do município de Eldorado, com palha de milho e fibra de bananeira. Desde 1991, várias instituições têm promovido ações de capacitação para a melhoria da qualidade dos objetos. Entre elas, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP), o Instituto Socioambiental (ISA), o Sebrae e a Sutaco, do governo do Estado. Entre essas ações, estão as que permitem a maior durabilidade dos objetos que, por usarem materiais orgânicos, precisam de cuidados especiais na produção. Os quilombos da região têm na agricultura, no artesanato e no turismo comunitário as principais fontes de renda.

| Acima, flores em palha de milho em cor natural e com tingimento, autoria de Jorlene Higina Rosa e Esperança Rosa (47 x 8 cm diâmetro da flor). Ao lado, esteira de trançado de fibra de bananeira tingida (79,5 x 80 cm).





RENDEIRAS DA ALDEIA | CARAPICUÍBA |

A ONG Oca Cultural foi criada em 1996 em Carapicuíba, na região metropolitana de São Paulo, para desenvolver atividades culturais gratuitas com crianças da região. A constatação de que muitos familiares eram iletrados deu origem a cursos de alfabetização de adultos. A aproximação de várias mães nesses cursos resultou, em 2006, no Rendeiras da Aldeia – o nome se refere ao fato de que a Oca se encontra instalada numa área em que foi criada uma aldeia jesuítica em 1580.

O grupo trabalhou inicialmente com o repertório de técnicas manuais trazido por cada mulher de seus lugares de origem. Uma trabalhara anteriormente na colheita de cana, outras eram empregadas domésticas; algumas bordavam nas horas vagas, outras faziam crochê. O encontro casual com a rendeira Wilma da Silva levou a uma mudança de tipologia. Pernambucana de Pesqueira,

ela aprendera o ofício da renda Renascença ainda menina e, em 2010, passou a compartilhar seus conhecimentos em Carapicuíba.

A Renascença é uma renda de agulha executada a partir de um desenho riscado em papel manteiga, sobre o qual, com uma agulha comum, se constrói a trama com linha e lacê (fita de algodão que une as tramas). É um trabalho demorado: cada vestido infantil da exposição levou 40 dias para ser feito.

Em 2013, apoiada pela Oca, Wilma foi nomeada e recebeu o prêmio de Mestre da Renda Renascença pelo Ministério da Cultura. As Rendeiras da Aldeia funcionam como um coletivo em que todas as integrantes tomam parte das decisões. Enquanto rendam, entoam cantos de trabalho relacionados com o tecer, o bordar, o render e o fiar, pesquisados por Lucilene da Silva, integrante da Oca Cultural.

| Vestidos infantis em três motivos, fita de algodão (lacê) e linha de algodão (57 x 58 cm | 47 x 55 cm | 35 x 41 cm).



Manoel Tropeiro



M. Bernadete

D. Helena
Promessa
Quituteira





SÃO BENTO POR VÁRIOS FIOS | SÃO BENTO DO SAPUCAÍ |

O São Bento por Vários Fios tem um núcleo fixo de 12 mulheres e a colaboração eventual de dezenas de outras. Os temas dos bordados giram em torno do patrimônio material e imaterial desta cidade, que fica na divisa entre São Paulo e Minas Gerais. De receitas culinárias a fachadas de prédios significativos, vários são os temas que fazem uma espécie de inventário da cultura local, num registro pessoal de cada bordadeira sobre o ambiente à sua volta.

O agrupamento começou a ser articulado em 2013. A publicitária Vânia Borelli acabara de se mudar para a cidade. Inspirada pelas lembranças da mãe bordadeira e interessada em se socializar, ela se inscreveu num curso de bordado na Casa da Cultura Miguel Reale. A experiência evoluiu para um projeto de inclusão social, cultural e econômica, que foi contemplado em

editais de economia criativa do Proac (Programa de Apoio à Cultura do Estado de São Paulo) nos anos de 2014, 2015 e 2016. Esse apoio permitiu que levassem a São Bento do Sapucaí, para intercâmbio, mestras artesãs de outras cidades brasileiras, e também Sissi Antunes, do grupo Arpilleras, do Chile, que teve no bordado uma ferramenta de manifestação política pela liberdade de expressão.

Os trabalhos expostos em *EntreMeadas* são lâminas soltas do livro *Quem conta um conto, aumenta um ponto. Memórias Bordadas de São Bento do Sapucaí*. O livro surgiu em 2017, com 100 páginas, e aos poucos vai ganhando novas páginas. A impermeabilização do tecido após o bordado facilita o manuseio e conservação do material nas várias exposições em que os trabalhos já foram apresentados.

Acima, lâminas soltas do livro *Quem conta um conto, aumenta um ponto. Memórias Bordadas de São Bento do Sapucaí*. Ao lado, acima, bordado sobre algodão, autoria de Maria Bernadete Costa Prado; embaixo, bordado sobre algodão com retalho de tricoline, autoria de Vânia Borelli (24 x 40,5 cm).

PINTAR E BORDAR

As mãos foram o instrumento primordial na elaboração das obras apresentadas em *EntreMeadas*. Reservamos um espaço generoso da exposição para que os visitantes usem as próprias mãos para conhecer várias das texturas e materiais presentes na mostra, numa ação que contempla também a acessibilidade para as pessoas com dificuldades visuais. O espaço se propõe, ainda, como local para a prática livre de trabalhos manuais e para oficinas.



Área para manuseio de materiais e objetos na exposição *EntreMeadas* no Sesc Vila Mariana (no alto); parede com trabalhos de visitantes na exposição no Sesc Guarulhos (acima); e mesa para atividades de visitantes no Sesc Guarulhos (página ao lado).



PROCESSOS E CONTEXTOS

| VÍDEOS |

Quais são os processos envolvidos nos trabalhos artesanais? Quais os contextos em que são feitos? As dificuldades e potencialidades das técnicas empregadas? Como se dá o uso e a transformação das matérias-primas locais? E as narrativas que estão por trás das peças? Como tradição e inovação se combinam? Quais são os alcances e os limites das parcerias entre artesãos e designers?

Esses são alguns temas dos vídeos e publicações que integram a exposição *EntreMeadas*, permanecendo disponíveis para o público. Os objetos artesanais contam histórias de quem os fez. E a nossa seleção de vídeos permite conhecer melhor as trajetórias, conceitos e técnicas dos grupos participantes da exposição.

ABAYOMI ONÃ

11'55" – Oficina de Abayomi Resgate Ancestral. Apresentação: Elizabeth Regina; direção de arte, fotografia e edição: Marcos Campos; produção e roteiro: Uma Nuvem Preta. 2020.

2'00" – Boneca Preta Brasileira. Realização: Lena Martins. 2016.

ASSOCIAÇÃO ARTE E VIDA

4'20" – Tecnologia Social Arte na Palha Crioula: Banco de Milhos Crioulos. Realização: Fundação Banco do Brasil. 2017.

ARTE EM AMARRIO

6'36" – Amarrío de Bariri. Realização Projetos Noemi Rodrigues. 2021.

22'30" – Onde posso usar o amarrío? Produção: Noemi Rodrigues. Realização com recursos da Lei Aldir Blanc. 2021.

ARTE ROSES

3'45" – Depoimento de Rosângela Camilo de Sousa. Realização: Comunicação Sesc Guarulhos. 2022.

ARTESÃS DA LINHA NOVE

3'02" – Realização: Instituto Acaia. 2016.

BORDADEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO

4'10" – Pesquisa e produção: Tecido Social. Direção: Cibele de Barros. 2016.

BOTUÁFRICA

6'22" – Minidoc BotuÁfrica. Realização: Prefeitura Municipal de Botucatu, Secretaria de Governo e Instituto Botucatu. 2012.

CLEIDE TOLEDO

7'04" – Conheça o artesanato feito com fibra de taboa. Realização: Rede Aparecida/TV Aparecida. 2019.

COLETIVO BORDAEMIA

3'38" – Painel Coletivo BordaEmia. Edição: Ale Passarim. 2017.

COLETIVO YBYATÃ

2'57" – Depoimento de Gisela Nigro. Realização: Comunicação Sesc Guarulhos. 2022.

COOPERATIVA LILI

3'06" – Primeira Oficina Cooperativa de Detentas em Tremembé.
1'24" – Os primeiros produtos: Cooperativa Penitenciária Feminina II – Tremembé.
Realização: Humanitas360 e Secretaria de Administração Penitenciária. Direção: Luiza Matravolgyi. 2019.

CRISÁLIDA

28'39" – Direção: Geovana de Arruda Merlo, Lígia Tiemi de Oliveira Takau e Vitória Gomes Moreira da Silva. 2022

LUCINDA BENTO

21'55" – Lucinda, Mãe Negra da Cidade Doçura. Direção e roteiro: Maria Moema; edição e finalização: Carlinhos Medeiros. 2021.

MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA

7'08" – Realização: ONG A Little Braver. 2018.

OFICINA DOS ANJOS

3'17" – Por dentro da parceria. Realização: Ecotece. 2019.

POVO INDÍGENA GUARANI MBYA

16'18" – Ajaka Para – Cestaria Guarani Mbya. Realização: Aldeia Tekoa Tenondé Porã. Produção: Jera Giselda. 2011.

PROJETO TEAR

5'40" – Tear 15 anos. Realização: Prefeitura de Guarulhos. 2018.

QUILOMBO IVAPORUNDUVA

Ribeira Essencial – Um mergulho da cultura quilombola com Marcelo Rosenbaum.

5'07" – A chegada.

5'33" – A busca.

4'57" – A criação.

6'10" – A integração.

Realização: Instituto Socioambiental (ISA) e Instituto A Gente Transforma. 2017.

3'10" – Depoimento de Maria da Guia Marinho Silva.

Realização: Comunicação Sesc Guarulhos. 2022.

RENDEIRAS DA ALDEIA

2'36" – Sobre o projeto.

Realização: Escola Oca Cultural. 2018.

5'46" – O grupo Rendeiras da Aldeia recupera a tradição da Renda Renasçença. Gravado na abertura da exposição *EntreMeadas* no Sesc Vila Mariana, outubro de 2019. Realização TV Cultura.

8'57" – Rendando Histórias.

Direção de arte e concepção dos figurinos: Alexandre Rousset. Concepção cenográfica: Alexandre Rousset e Ana Vaz. 2021.

VISITA GUIADA – ENTREMEADAS

35'04" – Apresentação da exposição pela curadora Adélia Borges. Realização: Comunicação Sesc Guarulhos. Música Coco Pitoco, artistas Bebê Kramer, Swami Jr. e Teco Cardoso, álbum *Dança do Tempo*. 2022.



| Abayomi Onã



| Arte e Vida



| Arte em amarrão



| Botuáfrica



| Cleide Toledo



| Crisálida



| Povo indígena Guarani Mbya



| Lucinda Bento



| Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia



| Projeto Tear



| Quilombo Ivaporunduva



| Rendeiras da Aldeia

Imagens retiradas de frames dos vídeos

| PUBLICAÇÕES |

O acervo montado e disponibilizado na exposição reúne obras de referência sobre o artesanato brasileiro no segmento de técnicas têxteis e cestarias. Entre a seleção, destaque para o conjunto de 19 catálogos da Sala do Artista Popular, edição do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Iphan, abordando temas como “Rendas de bilro de Florianópolis”, “O traçado e o urdido: Tecidos de buriti dos gerais da Bahia”, “Capim dourado: Costuras e trançados do Jalapão”, “Fibras e tramas de Barreirinhas” e “Trançados e entalhes de Novo Airão”.

A colaboração entre designers e artesãos é tema tanto de catálogos de oficinas realizadas país a fora, quanto de livros sobre designers com histórico de colaboração com comunidades. Entre os agentes de fomento, estão publicações do ArteSol, de A Casa – Museu do Objeto Brasileiro e do Sebrae. A seleção inclui, ainda, obras seminais para a compreensão da cultura material brasileira como o livro *Arte indígena, linguagem visual* (Itatiaia Editora, 1989), de Berta Ribeiro.



LIVROS

Andrade, Anna Maria; Tatto, Nilto. *Inventário cultural de quilombos do Vale do Ribeira*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

Bernardes, Mana. *Mana e manuscritos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

Borges, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

Cabral, Germana; Pioner, Cristina. *Mãos que fazem história - A vida e obra das artesãs cearenses*. Fortaleza: Editora Novos Mares, 2012.

Casara, Marques. *A gente transforma. Várzea queimada: espírito, matéria e inspiração*. Direção de Marcelo Rosenbaum. São Paulo: Rosenbaum, 2016.

Cavalcanti, Claudia; Mattoso, Chico. *Da sede ao pote*. São Paulo: Comunitas, 2003.

Dantas, Cármen Lúcia. *Mestres artesãos das Alagoas: fazer popular*. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

Felippe, Vera. *Decifrando rendas: processos, técnicas e história*. Porto Alegre, RS. Editora da autora, 2021.

França, Cassio Luiz de. *Comércio ético e solidário no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/ILDES, 2003.

Gordinho, Margarida Cintra. *ArteSol 18 anos*. São Paulo: ArteSol, 2016.

Kubrusly, Maria Emília; Imbroisi, Renato. *Lá e Cá: trocas culturais entre Brasil e países africanos de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

Kubrusly, Maria Emília; Imbroisi, Renato. *Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

Lara, Cecília; Salles, Fátima Aparecida Tentor. *Viajando nas palavras 2*. Bauru: Persistere Editora, 2020.

Macedo, Cristina; Rocha, Ana Augusta. *Bordar a vida: histórias dos trabalhos das mulheres da ACTC*. São Paulo: ACTC, 2012.

Mellão, Renata. *EntreVistas Design + Artesanato*. Organização e entrevistas por Daniel Douek e Lígia Azevedo. Vol 1. São Paulo: A CASA museu do objeto brasileiro, 2010.

Mellão, Renata. *Entrevistas Design + Artesanato*. Organização e entrevistas por Daniel Douek. Vol 2. São Paulo:

A CASA museu do objeto brasileiro, 2012.

Paes, Bete. *Estampa brasileira*. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

Pereira, Lia Krucken. *Design e território*. São Paulo: Editora Nobel, 2000.

Ribeiro, Berta. *Arte indígena, linguagem visual*. São Paulo: Edusp, 2010.

Rocha, Ana Augusta. *Amária, design e cooperação*. Minas Gerais: Auana, 2018.

Tear&Poesia. *Pangeia: Entre elos: Palavra de mulher*. São Paulo: Coletiva Tear & Poesia de Arte Têxtil - Preta Nativa 2022.

Tomaz, Cristina Maria Macedo. *De boca em boca: histórias de todos os cantos do Brasil*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

Tomaz, Cristina Maria Macedo. *Linhas da vida: bordando as histórias dos nossos corações*. São Paulo: ACTC, 2004.

Velasco, Cristiane. *Avoou, eu tava lá*. São Paulo: Flamingo edições, 2021.

Pezzolo, Dinah Bueno. *Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES

A CASA ama Carnaúba. Catálogo de exposição do museu A CASA. São Paulo: A CASA museu do objeto brasileiro, 2018.

Cantos populares do Brasil: a Missão de Mário de Andrade. Catálogo de exposição do Centro Cultural São Paulo. Curadoria de Glaucia Amaral. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2004.

EntreMeadas. Catálogo de exposição do Sesc Vila Mariana. São Paulo, 2019.

EntreMeadas. Catálogo de exposição do Sesc Guarulhos. São Paulo, 2022.

Lina Bardi: Habitat. Catálogo de exposição do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Curadoria de José Esparza Chong Cuy, Julieta González, Tomás Toledo. São Paulo: Masp, 2019.

Oceânica. Catálogo da exposição Oceânicas - bordados em chita. Grupo Bordelando. Brasília, 2018.

Origem vegetal: a biodiversidade transformada. Catálogo de exposição do Centro de Referência do Artesanato Brasileiro. Curadoria de Adélia Borges e Jair de Souza. Rio de Janeiro: Sebrae, 2016.

Sônia Gomes: a vida renasce/ ainda me levanto. Catálogo da exposição realizada no MAC Niterói. Curadoria Amanda Carneiro, Pablo León de la Barra e Raphael Fonseca. MASP, São Paulo, 2018.

SALA DO ARTISTA POPULAR

Artes e ofícios de Pedro II. Pesquisa e texto de Luciana Carvalho. Iphan, CNFCP, 2009.

Boa-noite: bordados da Ilha do Ferro. Pesquisa e texto de Patricia Azevedo. Iphan, CNFCP, 2010.

Bordados do Seridó. Pesquisa e texto de Túlio Lourenço do Amaral e Raquel Dias Teixeira. IPHAN, CNFCP, 2020.

Capim dourado: costuras e trançados do Jalapão. Pesquisa e texto de Carla Arouca Belas. Iphan, CNFCP, 2008.

Do fio à rede: tecelagem de Poço Verde. Pesquisa e texto de Marina Sallovitz. Iphan, CNFCP, 2016.

Fazer renda é trocar bilro. Pesquisa e texto de Ricardo Gomes Lima. Iphan, CNFCP, 2018.

Fibras e tramas de Barreirinhas. Pesquisa e texto de Wilmara Figueiredo. Iphan, CNFCP, 2012.

Fios de tradição em Poço Redondo. Pesquisa e texto de Marina Zacchi. Iphan, CNFCP, 2013.

Mulheres rendeiras: fonte viva do Cariri paraibano. Pesquisa e texto de Cesar Baía. Iphan, CNFCP, 2018.

No "vão" do Urucuia: fios que entrelaçam saberes. Organização de Raquel Dias Teixeira. Iphan, CNFCP, 2010.

O traçado e o urdido: tecidos de buriti dos Gerais da Bahia. Pesquisa e texto de Ricardo Gomes Lima. Iphan, CNFCP, 2008.

Raposa de redes e rendas. Pesquisa e texto de Flávia Cerveira Tavares. Iphan, CNFCP, 2015.

Renda labirinto de Chã dos Pereira. Pesquisa e texto de Wilmara Figueiredo. Iphan, CNFCP, 2010.

Rendas de bilro de Florianópolis. Pesquisa e texto de Maria Armenia Müller Wendhausen. Iphan, CNFCP, 2011.

Rendas nas terras de Canaan. Pesquisa e texto de Guacira Waldeck. Iphan, CNFCP, 2011.

Redes em invenção. Pesquisa e texto de Guacira Waldeck. Iphan, CNFCP, 2016.

Trançados e entalhes de Novo Airão. Organização de Tatiana de Sá Freire Ferreira. Iphan, CNFCP, 2010.

Trançar, tecer: Valente, Araci e São Domingos. Pesquisa e texto de Camila Henrique Santos. Iphan, CNFCP, 2013.

DIVERSOS

Artesanato do Quilombo de Ivaporunduva. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

Bichos do Mar de Dentro. Porto Alegre: Sebrae RS, 2007.

Catálogo de tipologia: fibras. Belo Horizonte: Sebrae MG, 2010.

Catálogo de tipologia: têxtil. Belo Horizonte: Sebrae MG, 2010.

Entre-nós. Grupo Bordelando, Brasília, 2012.

Invernada Estampada, São Borja (RS), Sebrae RS, 2008.

Laboratório *O Imaginário*, uma trajetória entre design e artesanato, Ana Maria Queiroz de Andrade e Virginia Pereira Cavalcanti, Recife, Zoludesign, 2020.

Jalapão: Natureza e arte no paraíso dourado do Tocantins. Governo do Estado do Tocantins.

Lã Pura. Catálogo de coleção. Ministério de Desenvolvimento Agrário e Sebrae RS, 2009.

Mãos que (re)fazem o mundo. Catálogo. Talentos do Brasil. Ministério de Desenvolvimento Agrário e Sebrae, 2010.

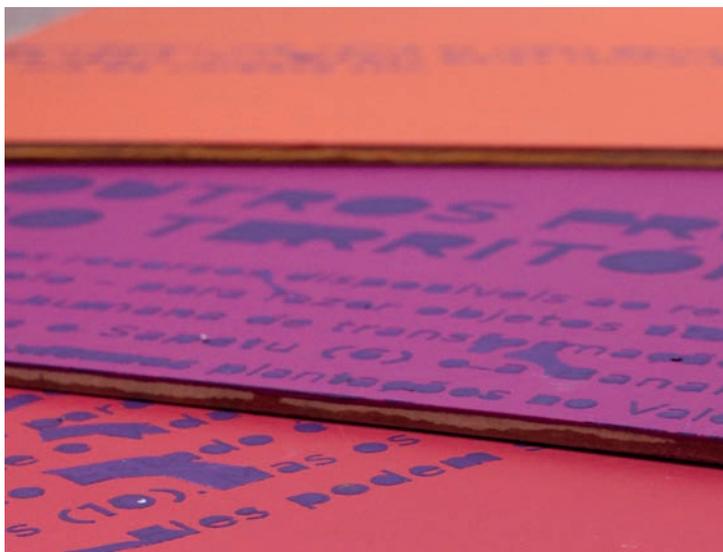
Prêmio Sebrae Top 100 de artesanato. 2ª edição. Sebrae, 2011.

Renascença - Paraíba. Sebrae Paraíba.

Revista Urdume - Coleção impressa com edições 2, 3, 4, 5, 7 e 8, Instituto Urdume, São Paulo.



| PALETA DE COR |



LARANJA
EXPOGRAFIA

VERMELHO
EXPOGRAFIA

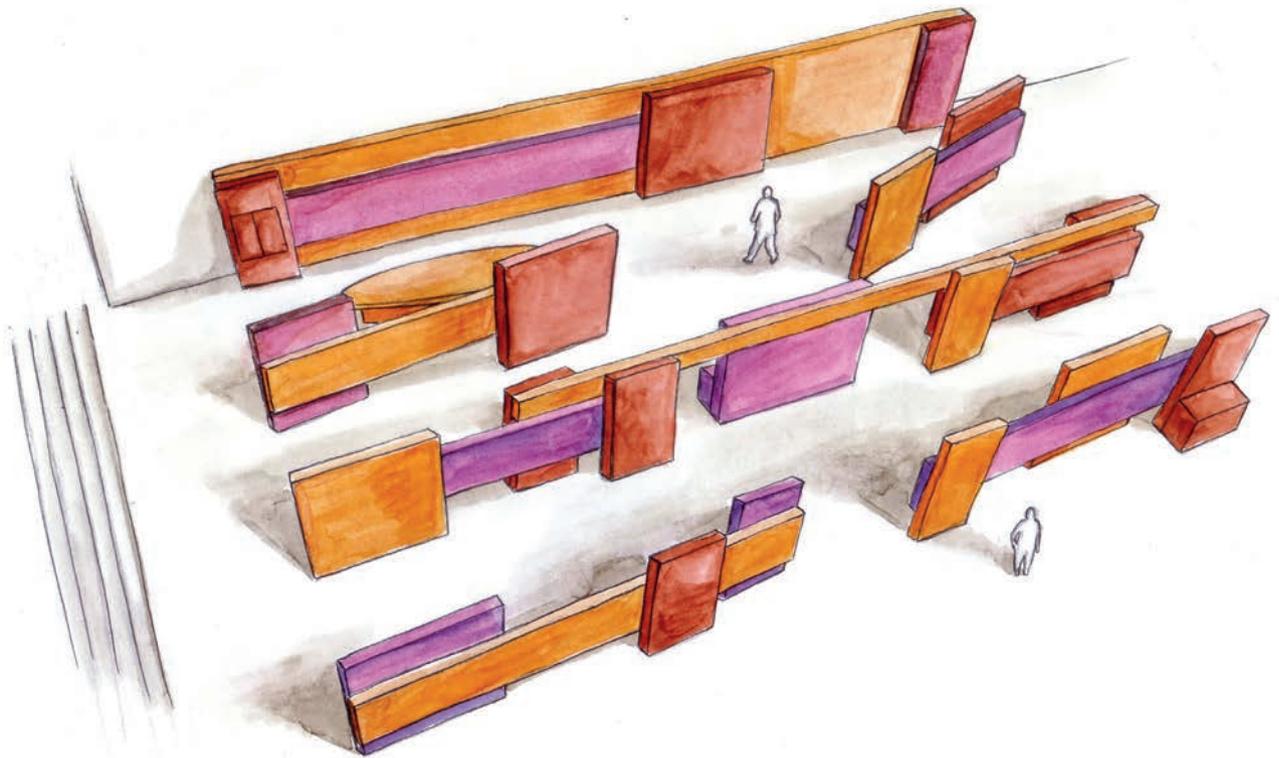
FÚCSIA
EXPOGRAFIA

ROXO
SINALIZAÇÃO

TRAMA ESPACIAL

ADRIANA YAZBEK
ARQUITETA

Tramas têxteis, tramas com fibras, bordados, fios e linhas inspiraram a concepção da expografia. O espaço é formado por uma grande trama tridimensional disposta em quatro eixos inclinados, que também criam novas tramas a partir da sobreposição dos planos, à medida que o observador se desloca. Sobre as paredes das tramas, e também em vitrines e bancadas, estão as obras. Cores cheias de vigor e alegria - magenta, vermelho e laranja - constroem a trama e recebem o trabalho precioso e potente das mestras artesãs.



EM MEIO ÀS MEADAS

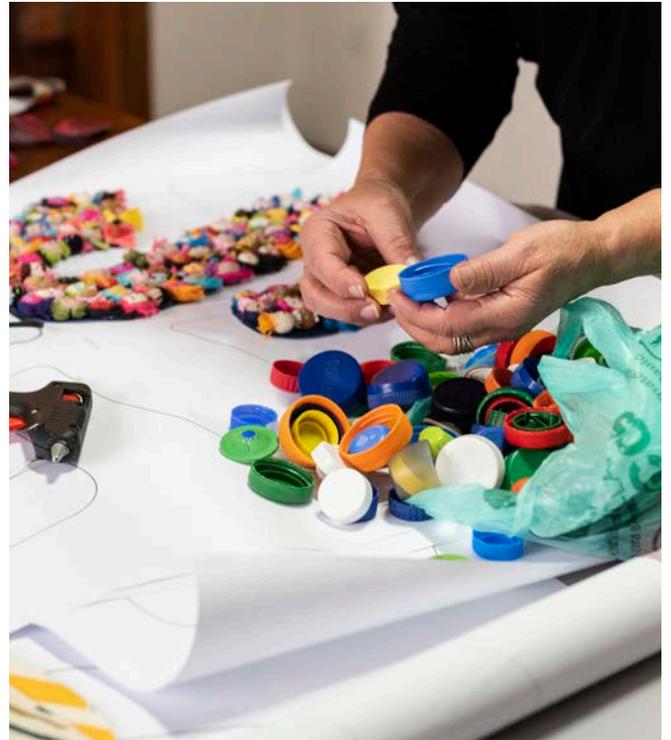
TISSA KIMOTO
DESIGNER

Uma exposição como *EntreMeadas* não se limita, nem deve se limitar, em sua temática, a técnicas e materiais. A importante missão de mostrar a riqueza do artesanato feito por mulheres no estado de São Paulo é também valorizar o fazer e os processos manuais, a coletividade e o poder do feminino, o patrimônio imaterial das expressões culturais populares e a escolha do singular em detrimento do design massificado.

A fim de traduzir graficamente a profundidade da temática, a concepção da identidade visual se deu de maneira a priorizar o processo, seja de criação ou manufatura, tanto quanto o resultado final, sendo este fruto de uma construção coletiva entre a curadoria, as artesãs e designers Cris Burger e Mara Doratiotto, e o design gráfico. Todas as etapas - a definição da estrutura do logotipo, o uso de tipos vernaculares (tipografia artesanal), a execução dos painéis manualmente, a escolha de materiais, técnicas e cores - vêm a resultar em algo único, rico em significado, uma reverência ao tema aqui abordado.

| ESTUDO COM TIPOGRAFIA VERNACULAR |









| Detalhes do painel *Cartografia afetiva de Bauru*. Bordado sobre algodão e impressão digital. Projeto Bordar São Paulo.

LISTA DE PARTICIPANTES

ABAYOMI ONÃ

| GUARULHOS |

Elizabeth Regina (1996, Guarulhos, SP)

ARTE E VIDA

| GUAPIARA |

Alice de Oliveira Almeida (1968, Guapiara, SP)
Ana Cláudia G. de Lima (1996, Guapiara, SP)
Elizabeth Neves de Oliveira (1953, Guapiara, SP)
Inês Nunes da Costa (1958, Guapiara, SP)
Ione Pereira Manfrim (1957, Santo André, SP)
Iracema Gonçalves Galdino (1958, Guapiara, SP)
Ivone Gonçalves Galdino (1977, Guapiara, SP)
Maria Aparecida da Silveira (1943, Angatuba, SP)
Nadir Ribeiro de Lima (1965, Guapiara, SP)
Natalina Rodrigues da Costa (1959, Guapiara, SP)
Nilma Costa de Andrade (1971, Guapiara, SP)
Rosa de Oliveira Cruz (1959, Guapiara, SP)
Rosângela G. do Nascimento (1978, Guapiara, SP)
Sirlene Alves Galvão (1975, Guapiara, SP)
Vânia Fátima da Costa (1988, Capão Bonito, SP)
Vanilda Silveiro de Souza (1973, Guapiara, SP)

ARTE EM AMARRIO

| BARIRI |

Maria Dadalto (1953, Bocaina, SP)
Regiana Bueno Pexe (1977, Bariri, SP)
Oris Nascimento (1974, Bariri, SP)
PRODUÇÃO CULTURAL
Noemi Rodrigues (1988, Ribeirão Preto, SP)

ARTE ROSES

| BERTIOGA |

Rosângela Camilo de Sousa (1968, Jacarepaguá, RJ)
Rosemeire Camilo de Souza (1967, Jacarepaguá, RJ)

BANARTE

| MIRACATU |

Agatha Milena P. dos Santos (1998, Pariquera-Açu, SP)
Cristiano de Souza Silva (1987, São Paulo, SP)
Domingas de Sousa Gama (1965, Avelino Lopes, PI)
Elisabete de Costa Souza (1997, Juquiá, SP)
Eufroonia Mogro Barrios (1986, Bolívia)
Eva José dos Santos (1961, Porto Seguro, BA)
Maria Creusa de Paula Ayabe (1965, Miracatu, SP)
Marinalva da Glória Lopes (1976, Andaraí, BA)
Marinete da Silva Novaes (1967, Miracatu, SP)
Marlene Mathias Mendes (1976, Registro, SP)
Marlene Souza Motta (1966, Juquiá, SP)
Paloma Lima Novaes (1996, Andaraí, BA)
Rosângela Santos, (1977, São Bernardo do Campo, SP)
Solange Ferreira Felix (1978, Juquiá, SP)
COORDENAÇÃO
Léia Alves (1977, São Paulo, SP)

BORDEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO

| OSASCO |

Aline Terezinha Michelin (1953, Guarapuava, PR)
Alzira Souza de Oliveira (1972, Ouricuri, PE)
Aparecida Barbosa Jesus Silva (1966, Osasco, SP)
Celia Maria dos Santos Silva (1979, Batalha, PI)
Damiana Maria de Souza (1955, Aureliano Leal, BA)
Eidi Tais de Lima Lopes (1978, Osasco, SP)
Eva Maria de Jesus Vieira (1961, Fortaleza, CE)
Heloiza Maria L. Silveira (1963, Itaueira, PI)
Joeleuza Teles (1969, Andaraí, BA)
Joselia A. Antunes (1972, Canto do Buriti, PI)
Lislene Duque de A. Santos (1973, Itabuna, BA)
Maria das Graças S. Oliveira (1956, Macarani, BA)
Maria Luiza Mendes Barbosa (1957, Januária, MG)
Maria Luiza Nunes Soares (1962, Mairi, BA)

Marlete Lima (1973, São Paulo, SP)
Mileide Paula Soares (1954, Osasco, SP)
Patricia Mitico Kawakami (1970, São Paulo, SP)
Renata F. Lopes (1986, Santo Antônio da Platina, PR)
Renata Reis Albuquerque (1986, Belo Horizonte, MG)
Rozeli Candida da Silva (1976, Januária, MG)
Terezinha Mendes dos Santos (1974, Batalha, PI)
Veroneide Batista Lima (1973, Fortaleza, CE)
OFICINAS REALIZADAS POR
Cristiana Pereira Barretto (1962, São Paulo, SP)
Renato Imbroisi (1961, Rio de Janeiro, RJ)

BORDADO E PROSA

| OURINHOS |

Bel Rubio (1953, Chavantes, SP)
Carmen Rubio Prosdocimi (1932, Chavantes, SP)
Josana Ferreira Bassi de Moura (1954, Ourinhos, SP)
Maria Lúcia Hadad de Leão (1945, Bernardino de Campos, SP)
Maria Zaina Drummond (1946, Manduri, SP)
Tânia Faber (1957, Ourinhos, SP)
Terezinha Palma (1945, Salto Grande, SP)
Verinha Gonzaga (1950, Jacarezinho, PR)

BOTUÁFRICA

| BOTUCATU |

Elaine Lopes (1964, Botucatu, SP)
Sandra Lopes (1969, Terra Nova, PR)
COORDENAÇÃO E CURADORIA
Sílvia Sasaoka (1959, São Paulo, SP)
OFICINAS REALIZADAS POR
Mônica Nador (1955, Ribeirão Preto, SP)
Renato Imbroisi (1961, Rio de Janeiro, RJ)

CLEIDE TOLEDO

| SÃO PAULO |

Cleide Toledo (1958, Areiópolis, SP)

COLETIVO YBYATÃ

| SÃO PAULO |

Daniela Angeloni (1982, São Paulo, SP)
Fabio Lino de Medeiros (1987, Irecê, BA)
Gilmara Neres (1982, São Paulo, SP)
Gisela Nigro (1961, São Paulo, SP)
Lucia Filomena (1962, São Paulo, SP)
Maria Aquino (1959, Aquidabã, SE)
Maria Inês Barone (1964, São Paulo, SP)
Noriko Hiramatsu (1948, Aichi-ken, Japão)
Vanessa dos Santos (1982, São Paulo, SP)

COOPERATIVA LILI

| TREMEMBÉ |

30 detentas e ex-detentas da Penitenciária Feminina II de Tremembé
OFICINAS REALIZADAS POR
Cristiana Pereira Barretto (1962, São Paulo, SP)
Renato Imbroisi (1961, Rio de Janeiro, RJ)

CRISÁLIDA

| BAURU |

Julia Landim Goya (1992, Bauru, SP)
Lindinalva Catarina (1980, Bauru, SP)
Luana Crispim (1988, Londrina, PR)
Majô Jandreice (1952, Cabrália Paulista, SP)
Maria Aparecida Lopes (1954, Bauru, SP)
Mila Fernandes (1959, Bauru, SP)
Tábata Santos (1990, Franco da Rocha, SP)
Tereza Cristina Dias Teixeira (1966, Garça, SP)
Vinícius Bonafé (2000, Dois Córregos, SP)

ELIANA BOJIKIAN POLITO

| BAURU |

Eliana Bojikian Polito (1962, Jaú, SP)

LUCINDA BENTO

| AMÉRICO BRASILIENSE |

Lucinda Bento (1941, São Gonçalo do Sapucaí, MG - 2019, Américo Brasiliense, SP)

Iracema Macário de Abreu (1961, Tejuapá, SP)

Vania Boni Oliveira (1969, Ibaté, SP)

MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA

| CANANEIA |

Débora Cardoso Mendonça (1980, Pariquera-Açu, SP)

Enerilda do Carmo Cunha (1980, Guaraqueçaba, PR)

Jaqueline Lago Cardoso (1986, Iguape, SP)

Jocemara Lago Cardoso (1964, Campos Novos, SC)

Joyce Mendonça Cardoso (1980, Iguape, SP)

Maria de Lourdes C. Mendonça (1959, Paranaguá, PR)

Tatiana Mendonça Cardoso (1982, Cananéia, SP)

Terezinha do Carmo M. Cardoso (1964, Cananeia, SP)

Viviana Aparecida da Cunha (1989, Cananéia, SP)

NHANDUTI DE ATIBAIA

| ATIBAIA |

Elizabeth Horta Correa (1951, São Paulo, SP)

Cícera Mendes (1970, Sairé, PE)

ODETE CORADINI

| OLÍMPIA |

Odete Coradini (1946, Goiás, GO)

OFICINAS REALIZADAS POR

Fabiola Bergamo (1961, São Paulo, SP)

OFICINA DOS ANJOS

| SÃO PAULO |

Aldenise Xavier Ricci (1957, São Paulo, SP)

Alex Hideyaki Okada (1957, Monte Alto, SP)

Ana Paula Aparecida Ferreira (1985, São Paulo, SP)

Luciana Santos Rocha (1972, São Paulo, SP)

Mariah Silberman (1960, Florianópolis, SC)

Terezinha Evangelista dos Santos (1956, Aimorés, MG)

COORDENAÇÃO

Fátima Ramalho (1956, Santa Rita do Passa Quatro, SP)

ESTÚDIO FERNANDA YAMAMOTO

Fernanda Yamamoto (1979, São Paulo, SP)

Luciana Bortowski (1992, São Paulo, SP)

Fernando Dassol Jeon (1990, São Paulo, SP)

Isabella Luglio (1993, São Paulo, SP)

INSTITUTO ECOTECE

Gestora do projeto: Ivi Mimoto Rufino (1990, Osasco)

PIRADAS NO PONTO

| SÃO PAULO |

PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Adriana Gragnani (1952, São Paulo, SP)

Marília Martins Coelho (1942, Belo Horizonte, MG)

Sonia Bianco (1947, Vera Cruz, SP)

POVO INDÍGENA GUARANI MBYA

| SÃO PAULO E EL DORADO |

PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Ara Florinda (Aldeia Indígena Tenondé Porã, São Paulo, SP)

Poty Justina (Justina Martins da Silva, 1975, Aldeia Indígena Tenondé Porã, São Paulo, SP)

PROJETO BORDAR SÃO PAULO

| BAURU |

Amanda Theodoro (1990, Assis, SP)

Andrea Ribeiro Coelho

Ariane Torres Abreu (1983, São Paulo, SP)

Beatriz Rodrigues de Lima (1953, Bauru, SP)

Cidinha Almeida (1950, Arealva, SP)

Hendy M. Carvalho (1987, São Paulo, SP)

Iracema Pinheiro Simões (1938, Paulistânia, SP)

Lara Fernanda Gobbi Grossi (1984, Bauru, SP)

Maria Lindalva Mendes Ferreira

Mariella Patti (1983, Bauru, SP)

Marilda Mariano (1958, São Paulo, SP)

Solange Serrano Salles (1959, Campo Mourão, PR)

COORDENAÇÃO DAS OFICINAS
Joana Salles (1976, São Paulo, SP)
Beth Ziani (1963, São Paulo, SP)
Rioco Kayano (1948, Guaimbê, SP)

PROJETO TEAR

| GUARULHOS |

Bruna de Lima Godoi (1994, Arujá, SP)
Claudia Moreira da Silva Ramos (1970, São Paulo, SP)
Daniel Pereira Barbosa (1979, São Paulo, SP)
Edi Carlos Ribeiro (1969, Guarulhos, SP)
Edmilson Vitorino (1957, Natal, RN)
Emerson da Silva (1982, Guarulhos, SP)
Eva Maria Rocha dos Santos (1958, Maracás, BA)
Geovan José de Lima (1970, Guarulhos, SP)
Ian Sala Lorençato (1977, São Paulo, SP)
Josenildo da Silva Andrade (1966, Belo Jardim, PE)
Luciane Santana Silva (1980, Mairi, BA)
Luciano Pestille de Araújo (1975, Guarulhos, SP)
Maria Gilsonide Morais Oliveira (1975, Tabira, PE)
Maria Laura da Cruz Paiva (1961, Entre Rios de Minas, MG)
Sylvania Leal dos Santos (1970, Arapiraca, AL)
Thiago Felix Bomfim (1996, São Paulo, SP)
Wanderley Gomes de Lima (1964, São Paulo, SP)
Willian Marques da Silva (1997, São Bernardo, SP)

QUILOMBOS SAPATU

| ELDORADO |

Esperança Ramos Rosa (1945-2022, Eldorado, SP)
Ivo dos Santos Rosa (1965, Eldorado, SP)
João dos Santos Rosa (1942, Eldorado, SP)
Jorlene Higina Rosa (1980, Eldorado, SP)
Laura Furquim Machado (1941, Eldorado, SP)

RENDEIRAS DA ALDEIA

| CARAPICUÍBA |

Aliane Lindolfo da Silva (1971, Igarassu, PE)
Dalva L. de Carvalho (1956, Miguel Calmon, BA)
Edivânia Eloí da S. Marques (1979, Poção, PE)
Ione Queiroz de Jesus (1967, Januária, MG)
Lucilene da Silva (1974, Palmital, PR)

Márcia Ferreira Mesquita (1961, Três Corações, MG)
Maria de Fátima V. B. Daniel (1960, Faxinal, PR)
Marta Mursa (1959, São Paulo, SP)
Núbia Gomes Esteves (1966, Teófilo Otoni, MG)
Wilma de Fátima da Silva (1967, Pesqueira, PE)

SÃO BENTO POR VÁRIOS FIOS

| SÃO BENTO DO SAPUCAÍ |

Alice Correa (1950, São Paulo, SP)
Ariane Ferreira (1963, São Bento do Sapucaí, SP)
Cecília Ramos (1965, São Paulo, SP)
Eliana B. de Aguiar (1967, São Bento do Sapucaí, SP)
Lucia Hörmann (1949, Campos do Jordão, SP)
Maria Bernadete C. Prado (1956, São Bento do Sapucaí)
Marilúcia Bernardi (1953, Jundiá, SP)
Neusa Santos (1963, São Bento do Sapucaí, SP)
Sofia de A. Silva (2004, São Bento do Sapucaí, SP)
Valéria Oliveira (1964, São Bento do Sapucaí, SP)
Vânia Borelli (1964, São Paulo, SP)
Zilda Gabriel (1964, Taubaté, SP)

IDENTIDADE VISUAL À MÃO PESQUISA, CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Cris Burger (1948, Porto Alegre, RS)
Mara Doratiotto (1950, São Paulo, SP)

PEÇAS DE CROCHÊ

Maria Ana Rocha (1964, Brejolândia, BA) | grupo
Agulha Mágica, Santa Maria, DF

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-social Joel Naimayer Padula **Comunicação Social** Ivan Paulo Giannini **Administração** Luiz Deoclécio M. Galina **Assessoria Técnica e de Planejamento** Sérgio José Battistelli

GERENTES

Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga de Mattos **Educação para Sustentabilidade e Cidadania** Denise de Souza Baena Segura **Estudos e Desenvolvimento** Marta Raquel Colabone **Estudos e Programas Sociais** Cristina Riscalla Madi **Artes Gráficas** Rogério Ianelli **Sesc Bauru** Renata Salvador

EQUIPE SESC

Adriano Alves Pinto, Aline Tafner, Cibele Mion, Cristiane Ferrari, Davison Alvares, Denys Oliveira, Fabio Luiz Vasconcelos, Gilmar Campos, Giovana Rocha, Ironides Ferreira, Guilherme Brunelli, João Paulo Leite Guadanucci, Karina Musumeci, Kelly Santos, Leonardo Alves, Maria Denise Leite, Miguel Brito, Nilo Mortara, Nilva Luz, Odirlei Moretto, Raquel Fonseca, Ricardo de Carli, Silvio Oliveira, Suellen Barbosa, Thais Franco, Thaís Emília Teixeira Marques, Tiago de Abreu, Tina Cassie, Vinícius de Oliveira, Vitor Tenório, Viviane Lourenço

ENTREMEADAS

Curadoria Adélia Borges **Assistência de Curadoria** Jaine Silva **Produção Executiva** MadaiArt | Angela Magdalena **Coordenação de Produção** Lorena Oliveira Vilela **Produção** Jaine Silva **Pesquisa** Ivan Vieira, Jaine Silva e Priscila Lourenção **Arquitetura** Adriana Yazbek **Assistência de Arquitetura** Alexandre Lins, Luiza Ho e Nathalia Duran **Iluminação** Fernanda Carvalho **Projeto Gráfico e Comunicação Visual** Pandoala Estúdio | Tissa Kimoto **Assistência de Comunicação Visual** Clara M. Letizia **Painéis** Cris Burger, Mara Doratiotto e Tissa Kimoto **Edição de Vídeos** Luccas Villela **Coordenação de Montagem** Primeira Opção | Sergio Santos **Assistência de Coordenação de Montagem** Agnes Rosa **Montagem Fina** Andrey Feixas, Jeff Lemes, Wanderlei Blassioli **Revisão** Cícero Oliveira **Cenografia** Cenografia Catanduva **Comunicação Visual** Sign Vision Comunicação Visual **Coordenação Administrativa** Nelma Alós **Assistência Administrativa** Tatiane Monteiro **Coordenação Ação Educativa** Carolina Velasquez **Fotografias** Mariana Chama

Coleções A CASA - Museu do Objeto Brasileiro, Adriana Gragnani, Beth Ziani, Elizabeth Horta Correa, Fernanda Yamamoto, Marília Martins Coelho, Liane Ralston Bielawski, Lucinda Bento, São Bento por Vários Fios, Sesc São Paulo e Sonia Bianco.



29 de outubro de 2022 a 26 de março de 2023

Horário de visitação

Terça a sexta, 13h às 21h30

Sábados, domingos e feriados, 10h às 18h30

Agendamento de visitas mediadas para grupos pelo e-mail
agendamento.bauru@sescsp.org.br

Terça a sexta, 8h às 21h30

Sábados, domingos e feriados, 10h às 18h30

Sesc Bauru

Av. Aureliano Cardia, 6-71

Vila Cardia, Bauru – SP, CEP 17013-411

TEL.: +55 14 3235 1750

   /sescbauru

sescsp.org.br/bauru